

# convergência

MAI — 1980 — ANO XIII — Nº 132



- EUCARISTIA PARA UM POVO PEREGRINO  
Frei Hugo D. Baggio, OFM — página 201
- ORAÇÃO, PRESENÇA E AUSÊNCIA  
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 218
- A EDUCAÇÃO, MEIO DE EVANGELIZAÇÃO  
Dom Tomas Gonzalez, SDB — página 235

**CONVERGÊNCIA**  
Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil (CRB)

**Diretor-Responsável:**  
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar  
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

**Assinaturas para 1980:**

Brasil, taxa única (via  
terrestre ou aérea) ..... Cr\$ 420,00  
Exterior: marítima ..... US\$ 17,00  
Exterior: aérea ..... US\$ 25,00  
Número avulso ..... Cr\$ 42,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal..

**Composição:** Compositora Helvética  
Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20211  
Rio de Janeiro — RJ.

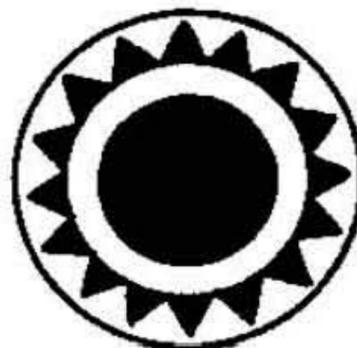
**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora  
Vozes Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600  
Petrópolis — RJ.

**Nossa Capa:**

Creio que Você pode descobrir, sem grande esforço, algo como um pássaro voando e pousando. Ao tentar materializar esta figuração mental, num traço imutável e dinâmico, pensei nisto: (1º) Uma andorinha não faz verão. 1980 é o ano da XII Assembléia Geral Ordinária Eletiva da CRB cujo tema central é "Libertar para a COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO". Vencer a tentação do alheamento. Esta coisa estranha: o homem sozinho, a solução individual. Dar-se as mãos. Encontrar-se é, de uma vez só, fator de estabilidade e força de transformação. (2º) A Igreja Latino-Americana decidiu, mais uma vez, em Puebla, sua opção preferencial pelo pobre. A Campanha da Fraternidade da Igreja, no Brasil, ressalta, neste ano, a figura do Migrante. O pássaro é bem o símbolo do pobre e de quem não tem destino certo. Ora para frente, ora para o norte, ora para trás, ao sabor das correntes da sorte. (3º)

Esta palavra de esperança: "Ninguém tem morada definitiva no tempo" (Hbr 13, 14; Miq 2, 10). Todos andam em busca de horizonte mais alto. Sentimos a dor do incompleto. COMUNHÃO, PARTICIPAÇÃO, POBRE, um FUTURO fora do tempo, pontos de linhas medulares de interpretação da fenomenologia de nossa Vida Religiosa. CONVERGÊNCIA quer confirmar, em Você, a sensação de que não estamos parados. E estamos no rumo certo.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.



## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	193
INFORME DA CRB .....	195
EUCARISTIA PARA UM POVO PEREGRINO	
Frei Hugo D. Baggio, OFM .....	201
ORAÇÃO, PRESENÇA E AUSÊNCIA	
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ	218
CAMINHO DE INTERIORIDADE	
Frei Carlos Noyen, OCD .....	225
A EDUCAÇÃO, MEIO DE EVANGELIZAÇÃO	
Dom Tomás González, SDB .....	235
QUE É ISSO, TEOLOGIA?	
Frei Leonardo Boff, OFM .....	244
COMUNICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS	
Pe. José Pires de Almeida, CM .....	250

Eucarístico Nacional e na sua relação com o tema da Campanha da Fraternidade que dinamizou nossas comunidades eclesiais na Quaresma deste ano e que continua sendo para todos um apelo à conversão. "Fazer Eucaristia, lembra Fr. Hugo, é alimentar a sensibilidade por tudo quanto se opõe à unidade, simbolicamente expressa num só pão formado de muitos grãos de trigo sofridamente amassados, e de um só vinho, nascido de muitos grãos de uva, esmagados na dor".

**Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ** — de novo entre nós, após anos de estudo e especialização nos Estados Unidos, — trata um tema de capital importância na experiência espiritual do cristão comprometido com a realização histórica do Reino, o tema da oração.

Com a clareza e transparência que caracterizam seu estilo e sua pessoa, Pe. Marcello compartilha com os leitores, nestas páginas, uma de suas muitas experiências destes últimos anos: — a constatação de um fenômeno ao parecer paradoxal — presença e ausência da oração neste momento histórico que vivemos. Os questionamentos que emergem do seu artigo nos levam a redimensionar nossa atitude face a verdades básicas e fundamentais da espiritualidade cristã e da Vida Religiosa.

O artigo de **Fr. Carlos Noyen, OCD**, destaca algumas razões da atitude orante, na espiritualidade

de Teresa de Ávila, lembrando que ela "não nos fornece um método que garanta "sucesso" na oração, algo como um "bastãozinho mágico que faz desaparecer todos os problemas". Sua vida e seus escritos são um convite a seguir os apelos do Senhor no difícil itinerário da fé, que é, antes de tudo, entrega e adesão a Ele no Amor.

Continuando a reflexão em torno aos temas da XII AGO, oferecemos aos leitores a reflexão de **D. Tomás Gonzalez, SDB**, Bispo de Puntas Arenas no Chile, sobre "Educação como meio de Evangelização", e a descrição de uma experiência no campo educativo: — "20 anos de educação no Colégio S. Vicente de Paulo dos Lazaristas" — apresentada pelo **Pe. José Pires de Almeida, CM**.

As páginas de **Fr. Leonardo Boff, OFM**, querem ajudar os leitores de Convergência a situar-se diante de alguns problemas que suscita hoje a reflexão teológica. Partindo da consideração de que "por detrás de cada teologia verdadeira existe uma mística, isto é, um encontro vivo com Deus", Fr. Leonardo insiste em que a teologia deve tornar a Fé mais lúcida e não mais confusa; ela deve poder alimentar a fé, a esperança e o amor e ao mesmo tempo, fazer-se sensível aos problemas relevantes para o homem atual, tentando articular a fé com a vida.

**Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### ENCONTRO DE EX-CETEPISTAS DA REGIONAL DA CRB-RS

#### 1. Os preparativos do Encontro

Por iniciativa de Frei Roberto Franciosi, realizou-se, em Garibaldi-RS, de 8 a 10 de outubro/79, na Casa dos Capuchinhos, o 1º Encontro Intercongregacional dos religiosos gaúchos que, desde 1974, no Rio de Janeiro, participaram do CETESP (Centro de Teologia e Espiritualidade da Vida Religiosa). Poderam estar presentes, 20 dos 45 residentes no RS.

O convite fixava o objetivo: um mergulho "ad intra" para rever, reabastecer, recarregar. E no programa constava: Palestras do Pe. Ivo Weber, SJ — Tempo de oração orientada — Partilha da vivência do pós-Cetesp — Troca de experiências — Convívio fraterno — Preparação do 2º encontro.

#### 2. O que nos trouxe o Pe. Ivo

Pe. Ivo, hoje residente no Rio de Janeiro, é membro da Equipe de Coordenação do CETESP; veio de lá antes de tudo, para nos testemunhar sua amizade e dar-nos as notícias do Pe. Jaime, da Thereza Nunes, do Roberto Mayer, do Nilso Ronchi; este último deixou a equipe por estar morando agora em Ponta Grossa. Pe. Ivo trouxe-nos também, a riqueza de sua experiência de Deus e,

como bom animador espiritual, preparou para nós um roteiro, para rezarmos a partir das Parábolas do Reino: Lc 17,21 — Mt 13.

Nossa tarde de oração do dia 8, fez-nos encontrar a semente, a terra, a pérola e o tesouro, a mostarda e o fermento, a rede, o joio e o trigo... Tudo tão próximo de nós e tão concreto... visto num mesmo olhar por atingir simultaneamente Deus e os irmãos.

Na Celebração Eucarística da noite, a partilha fraterna, uniu profundamente a mesma busca de cada um do seguimento de Jesus e dos valores do Reino, e a maravilhosa diversidade pessoal de nossas descobertas. Pe. Ivo nos falou também nas tendências da Vida Religiosas, a partir de estudos da CLAR e dos documentos de Puebla.

#### 3. O que nos deram os Capuchinhos

Não podemos deixar de mencionar com gratidão, a qualidade da acolhida dos Capuchinhos de Garibaldi-RS, que puseram à nossa disposição seu Convento florido, suas salas espaçosas, a farta e cuidada alimentação, o serviço discreto. Eles foram para nós durante esses dias, o testemunho claro do amor fraterno, revelador do amor de Deus.

Esse ambiente favoreceu o convívio entre nós sem tensões, a liberdade e a alegria de nos comunicarmos, a simplicidade de nosso "recreio comunitário", a recordação dos ausentes, as fotos tiradas nas horas de sol.

#### 4. O que nos demos uns aos outros

O espírito comum que aurimos no CETESP fez com que logo nos entrosássemos num clima de abertura e de confiança. Assim, a maravilhosa caminhada pessoal foi se revelando pouco a pouco, quando cada um de nós foi contando aos outros a sua vida, a partir das perguntas: O que mudou para mim depois do CETESP? Quais as maiores dificuldades encontradas? Quais os atuais desafios para ir adiante? E assim, 20 histórias pessoais foram desfilando, mostrando o misterioso plano do Pai, que sob a ação do Espírito, vai continuando nas vidas humanas, a missão de Jesus Cristo, para a libertação de seu povo.

#### 5. Avaliações e projetos/80

As avaliações finais foram unânimes para reconhecer que todos tinham se sentido bem como irmãos, dizer quanto tinham gostado de estar juntos, quanto à comunicação em nível de fé e de vida tinha sido enriquecedora. Todos disseram também que voltavam para suas comunidades e seus trabalhos, estimulados em sua esperança, mais corajosos para se tornarem, em sua pequenez, animadores espirituais e multiplicadores de vida.

E os projetos? Realização de um encontro anual. **Em 1980:** Encarregado da preparação e das comunicações: Frei Roberto Franciosi. Local: Casa dos Capuchinhos, em Garibaldi-RS. Datas: 17, 18 e 19 de outubro. Chegada dia 16, à tardinha, para o jantar. Partida dia 19 ao meio dia.

**Ir. Inês Pereira Leite**  
**Ir. Elena Muraro**

### REENCONTRO DO CETESP VI

Com antecedência de quase um ano, os cetepistas VI foram convocados para um reencontro que logo foi batizado, devido às suas características de "grande acontecimento", por ENCONTRÃO. O ENCONTRÃO achou imediatamente acolhida nos corações dos cetepistas VI. Foi no grupo de vivência que, após o término do CETESP, continuara a se reunir mensalmente em São Paulo, que surgiu a idéia. Uma primeira circular foi logo enviada convidando e já propondo a programação.

Os colegas de São Paulo — Silvino, Paula, Inês, João, Gilles e Clarissa — punham-se à disposição dos de fora para recebê-los e levar até à Casa de Retiros do Embu, posta à nossa disposição pela colega Clarissa. As adesões choveram imediatamente. Os poucos

que, na ocasião, não poderiam se dispensar de seus compromissos, comunicavam que, de coração, estariam presentes.

Começamos a contagem regressiva. Finalmente chegou o dia 11 de fevereiro. As casas de nossos colegas de São Paulo estavam em festa para receber os visitantes. Abraços, explosões de alegria, manifestações de amizade a que a ausência de mais de um ano dava um sabor especial. O Convento Maria Imaculada, no Embu, é um recanto onde a gente se pergunta se ainda está na terra ou isso aqui já é um comezinho do céu.

Aí pelas 18 horas todos estavam instalados em seus quartos onde mãos delicadas e acolhedoras haviam deixado sinais de sua presença: a jarrinha com

lindas flores fresquinhas e a mimosa mensagem: "Para onde vais? Temos vagas." Sê bem-vindo! "Corramos com paciência na carreira que nos é proposta pelo Cristo."

À noite, o primeiro encontro de todo o grupo. Clarissa nos deu boas-vindas e algumas explicações sobre a casa. Silvino esclareceu ainda alguma coisa e deu a palavra a Gilles, o "caixa-forte". Gilles explicou que, através do rateio fraterno, a despesa das passagens seria dividida igualmente entre todos.

O dia seguinte, 12, foi de convivência fraterna, comunicação, expansão completa. Visitamos as crianças abandonadas acolhidas pelas Irmãs numa casa vizinha. Ao meio-dia, o delicioso churrasco. Tão gostoso que parecia gaúcho. Chovia bastante mas não foi problema. Betânia é uma casinha própria para isso, a uns 500 metros do Convento. Os mais arrojados foram a pé. Outros, de carro.

Alegria completa Ana Maria e Helena deram um show de dança folclórica. À tarde, reunimo-nos no auditório para narrar as experiências do período pós-CETESP. Como todos tinham muita coisa para contar, não deu tempo para todos. Deveríamos continuar outro dia. Thereza Nunes nos alegrou com a sua chegada que já esperávamos desde cedo. À noite, Padre Eduardo, que já havia chegado com a sua equipe — Irmã Carmen, Irmã Juliete, Irmã Maria Luísa e Irmã Cavalcanti —, deu o horário para o dia seguinte e comentou o conteúdo do curso.

Durante os três dias do curso, Pe. Eduardo e as Irmãs de sua equipe deram palestras sobre os Exercícios Espirituais. Tínhamos diariamente três períodos de oração sobre textos bíblicos e, à noite, orientação espiritual em grupos de três: orientador, orientado e observador. Os dias 16, 17, 18 e 19 foram

reservados para o retiro durante o qual tínhamos uma palestra à noite e todo o dia livre para a oração. A orientação espiritual, nos dias de retiro, foi feita a dois ou a três. O ponto alto, tanto durante o curso como no retiro, foi a celebração da Eucaristia. No dia 19, à noite, fizemos uma avaliação do nosso encontro e programamos um próximo para 1982.

## MOÇÃO

Os participantes do CETESP VI, reunidos no Convento Maria Imaculada — Embu — São Paulo, nos dias 11 a 20 de fevereiro do corrente ano para um encontro de vivência fraterna, unanimemente subscrevem a presente **MOÇÃO DE APOIO E APLAUSOS** à Presidência da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil.

Os cetepistas VI, numa avaliação objetiva do período pós-CETESP, constataram, com alegria, seu crescimento pessoal e novas possibilidades de atuação junto às próprias comunidades. As experiências vividas até o momento nas várias Congregações com representantes no reencontro, comprovam o grande bem que estão realizando os cursos CETESP e CERNE no sentido de desenvolver um processo de renovação profunda na Vida Religiosa. É um trabalho de Igreja que está levando os religiosos a viver com autenticidade sua consagração e a se tornarem, cada vez mais, testemunhas vivas do Evangelho e "fermento na massa" em nossa sociedade. A vida consagrada, no Brasil, deve a essa iniciativa da CRB um grande crescimento qualitativo e a revitalização de grande número de seus membros, motivo pelo qual nos unimos hoje num grande agradecimento a Deus, único Inspirador de todos os bons empreendimentos. Embu, 19 de fevereiro de 1980.

# CERNISTAS EM VERANÓPOLIS — RS

01 a 03 de fevereiro de 1980

Irmã Áurea Scopel

## I — Preprativos

Por iniciativa de Cernistas do CERNE III que se encontraram por duas vezes com grande proveito em 1979, nasceu a idéia de programar um encontro mais amplo para os participantes de todos os CERNE, dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, desejando, também, a presença de Cernistas de outros Estados.

Irs. Constância Mosmann e Áurea Scopel assumiram a tarefa de lançar, preparar e organizar esse encontro. Uma circular de 08.09.79, foi enviada aos Cernistas com a proposta e uma indicação de objetivos: Reconhecimento e comunicação, dia de oração, avaliação e planejamento para reencontros. Antes de fins de novembro, mais de trinta Cernistas responderam, apoiando a iniciativa. Assim foi possível concretizar os preparativos, explicitados na circular de 07.12.79. **Local:** Recanto Medianeira — Veranópolis — RS. **Data:** de 01 a 03 de fevereiro de 1980. **Agenda:** Horas de convívio, partilha fraterna, momentos fortes de oração. Sugestões para próximos encontros e escolha de coordenadores. **Coordenação:** Irs. Constância Mosmann e Áurea Scopel. Pe. Ivo Weber SJ, seria o animador da Tarde de Oração.

A saúde de Ir. Constância, bastante comprometida desde outubro, exigiu uma intervenção cirúrgica e levou-nos a solicitar a ajuda de Marília Gonçalves, ela mesma convalescendo de operações. Ambas contribuíram para os preparativos, mas infelizmente, não puderam estar presentes conosco, em Veranópolis, quando o encontro aconteceu.

## II — Realização

**Participação:** O encontro contou com a presença de 45 companheiros, provindos de: 27 do RS, 04 de SC, 08 do PR. Além deles, tivemos a alegria de acolher, também, 04 de SP, 01 do RJ, 01 do ES. Todos os CERNE, de I a VII, tiveram representantes, nas seguintes proporções: 02 do CERNE I, 06 do CERNE II, 08 do CERNE III, 05 do CERNE IV, 03 do CERNE V, 16 do CERNE VI, 05 do CERNE VII.

### Como vivemos o encontro:

Em profunda sintonia com a CRB e a coordenação do CERNE, com a presença do Pe. Ivo Weber, da Ir. Inês Pereira Leite, com as mensagens recebidas de tantos Cernistas impossibilitados de comparecer vivemos o encontro em Veranópolis — RS, no ambiente de conforto e de beleza do Recanto Medianeira (dos Maristas), onde Ir. Laurindo Parizotto nos recebeu com a cordialidade costumeira dos gaúchos e que nos ajudou a logo nos sentir em casa.

Pelas 16:00 h de 01 de fevereiro, uns 40 participantes já presentes, nos reunimos para a apresentação entre CERNISTAS e a programação: 18:00 h — Celebração Eucarística; 19:00 h — jantar; 20:00 h — Encontro de grupos por CERNE, para responder às perguntas: O que mudou na minha vida depois do CERNE? O que mais me ajudou? O que atrapalhou?

Nesse momento, todos os 45 participantes já haviam chegado e entraram na caminhada.

Às 08:00 h do dia 02, na Oração da manhã, o grupo já se sentiu coeso, com

a partilha em plenário das descobertas da véspera, a amizade fraterna se aca-lorando no convívio e recíproca confiança. Percebemos desde aí que um espírito comum selava nossa unidade.

A partir de então, formamos 7 grupos para colher as aspirações comuns no sentido de prospectiva: — Vale a pena continuar a nos reunir? — Com que objetivos? — Com que critérios? — Em que modalidades? — Com que coordenação? — Em que data e locais?

O plenário das 10:30 h nos mostrou linhas convergentes. O Pe. Ivo tendo chegado, as 11:30 h reunimo-nos com ele para receber as orientações para nossa "Tarde de Oração", cujo tema foi: "Os apelos do Amor", desdobrado em três tópicos: — O Pai, amor Primeiro; Jesus Cristo, o amor do Pai encarnado; minha vida, uma presença de amor. Essa tarde de parada frente ao Senhor, reacendeu a saudade do retiro dirigido e dos dias de oração orientada, de cada um de nossos CERNE.

A Celebração Eucarística encerrou o dia, presidida pelo Pe. Ivo; ele convidou os presentes à partilha de sua experiência de Deus, acontecendo grande enriquecimento mútuo e estímulo. À noite, propiciou liberdade para descanso, conversas informais e cantoria, Frei Ricardo sendo dos mais animados. O domingo, 03 de fevereiro, amanheceu lindo, em consonância com a alegria crescente dos presentes. Logo após a Oração comunitária os grupos se formaram para chegarem a apresentar sugestões concretas que foram aprovadas em plenário.

O intervalo do cafezinho deu apenas para o Chiquinho fotografar os grupos de cada CERNE e um grupo do conjunto de todos. Em seguida, cada CERNE fez sua avaliação do encontro que Pe. Ivo intercalou na liturgia da Palavra, na Missa de despedida. Seguiram-se as men-

sagens e os agradecimentos, um almoço regado com bom vinho da região e os pedidos insistentes para os próximos encontros serem mais prolongados, por que este pareceu curto demais.

### III — Visão prospectiva

Desejo unânime de ENCONTROS PERIÓDICOS.

**Objetivos gerais:** manter a unidade da animação e vivência na linha do CERNE. Oportunizar convivência fraterna para apoio mútuo e partilha de vida. Favorecer reabastecimento espiritual com dias de Oração orientada.

#### Modalidades dos encontros

a) Sugestões de seis grupos: Cada três anos, um encontro nacional para todos os Cernistas, com retiro dirigido, duração de 8 a 10 dias, em lugar central, (Itaici, SP, RJ), sob a direção da CRB e Coordenação do CERNE. Um encontro anual por Região da CRB, para RS, SC, PR, aberto aos demais, com dois dias de oração orientada e a presença de um membro da Coordenação do CERNE.

b) Sugestões de um grupo: Cada dois anos um encontro regional (RS, SC, PR), com retiro dirigido uma semana. Em 1982, em Florianópolis — SC. Cada quatro anos, um Congresso Nacional de uma semana, para aprofundamento das diretrizes da espiritualidade do CERNE e comunicação de vida.

c) Sugestões de todos os grupos: Encontros parciais, por CERNE ou proximidade geográfica, de acordo com possibilidades e conveniências de cada grupo, com coordenador escolhido e organização própria, para partilha de vida e estímulo mútuo. **Locais sugeridos:** Capitais dos Estados ou cidades de fácil acesso. Em 1981, Florianópolis ou Lages — SC. **Datas preferidas:** Fins de ja-

neiro e início de fevereiro. Em 1981, de 26 a 30 de janeiro. **Equipe de Coordenação:** Um representante de cada Estado e presença de um membro da Coordenação do CERNE. Para 1981, foram escolhidos: Ir. Naysa... RS; Frei Jacinto... SC; Ir. Geny... PR.

## **Participantes**

**Paraná:** Fernand Lafontaine, Henri Lussier (Henrique), Josef Omer Lortie, CERNE II. Anice Ochner, CERNE IV. Aníbal Birck, Bernardo Govaski (Fr. Jacinto), Geni Záfari, Maria Bernhard (Stefana), CERNE VI.

**Santa Catarina:** Maria Etelvina Lombardi (Maria Glorisse), CERNE II. Wilson D. B. Zanin, CERNE III. Anna Altoé (Maria São Marcelo), CERNE VI. Graciema Parissotto, CERNE VII.

**Rio Grande do Sul:** Irma Bortolotto, Naysa Joana Smiderle (Ângela Paulina), CERNE I. Dileta Dalla Valle (M. Augusta), Elvira Favini (Adalberta), CERNE II. Áurea Scopel, Dozolina Mathilde Stieven (Leonídia), Gema Pelizzaro (Alice Ma-

ria), José João Frolich (Frei Ludovico), Thereza Pedron (Maria Ceci), CERNE III. Flávia Zácchia, Francisca Edelburga Simon (Noêmia), CERNE IV. Ignez Volpato, Natalina Cauz (Maria do Calvário), Zaldira Stefanelo Librelotto (Maria Liliâne), CERNE V. Angelina Raffatti (Ortenila Maria), Ângelo João Aresi (Fr. Ricardo), Francisca Tomazine, Gema Pedron (Sueli), Izidro Lourenço Freiburger, Joana Perin, Maria Facco Lovvis, Palmira Fellippi (Corina), Therez Barnet (Eleana), CERNE VI. Cecília Munaretto, Honorina Roggia, Rosalina Seganfredo, Vivência Poleselo, CERNE VII.

**São Paulo:** Lúcio Andrés Mata, CERNE III. Bernardo Edmundo Damke, Francisco Sáez Sandi, CERNE IV. Lúcia Rebelatto, CERNE VI.

**Rio de Janeiro:** Fernando Geurtse, CERNE III.

**Espírito Santo:** Magnólia de Freitas Barcelos, CERNE VI.

**Animadores:** Inês Pereira Leite e Pe. Ivo Weber.

# EUCARISTIA, PARA UM POVO PEREGRINO

*“Deus não se fez aço nem nailon, Ele se fez carne e sangue, alimento e bebida, palavra, amor, presença e dom de si mesmo, fonte de comunhão e vida. Deus em sua encarnação e em sua Eucaristia, está indissolivelmente unido ao Amor e ao Pão”.*

**Frei Hugo D. Baggio, OFM**  
Rio de Janeiro, RJ

## I. A REFEIÇÃO DO HOMEM

A refeição coloca-se como um desafio na vida do homem, pois simboliza sua própria subsistência. Poder ou não poder fazer refeições significa travar luta com a fome e correr o risco de ser por ela derrotado. Afinal, no presente momento histórico — e talvez nos outros também — grande parte do esforço dos homens, individual e coletivo, resume-se na luta de colocar alimento na mesa e na panela do pobre, isto é, daquele que anda e nas panelas daqueles que até o momento desconhecem o que é a ausência dele. Grande parte da humanidade contenta-se com arrancar, com seu esforço, apenas o pão de cada dia, mingüado e pouco, ha-

vendo uma grande faixa desta humanidade que nem sequer alcança este indispensável pedaço de pão em troca de suas energias. Em parte, este estado de coisas é resultado de uma injusta distribuição dos alimentos que sobram em muitas mesas ou ficam armazenados em algumas dispensas, ou privatizados para alguns grupos. A fome não é só negativa da terra de produzir ou incapacidade de dar conta da explosão demográfica, nem é apenas inércia do homem de arrancar o alimento, é uma ordem que há séculos destorceu os eixos da finalidade das coisas...

Neste ano de 1980, a Campanha da Fraternidade lança como lema

**PARA ONDE VAIS?** e o Congresso Eucarístico de Fortaleza centraliza seu tema na caminhada do homem. O homem caminheiro deve saber para onde vai e ter os auxílios na sua caminhada. Eis porque estes temas nos convocam a refletir sobre a mesa do homem e a mesa de Deus, como um feliz encontro entre o plano de Deus e a vivência histórica do homem, na realização de um Reino que não será, mas já deveria ser. Um convite para que o homem se aproxime à mesa de Deus e descubra, novamente, o sentido de sua mesa, porque foi inspirado na mesa dos homens que Cristo inventou a mesa de Deus. Porque, se os homens se reunirem em torno da mesa de Deus e ali se descobrirem como irmãos e comensais na vida, serão capazes de reunir-se em torno da mesa do homem e terão encontrado um denominador comum, donde nascerão soluções inesperadas, ainda que esperadas por todos. A descoberta do sentido da refeição do homem levará à compreensão de muitas outras realidades engolidas agora pela ganância dominadora que se assenhoreou do mundo, das instituições e do indivíduo, impondo seu código de leis ímpias e injustas, desumanas e fratricidas. Tentemos, então, esmiuçar um pouco a refeição, em suas partes.

## 1. Símbolos da refeição

a. **Comida e bebida:** são os elementos básicos para que possa haver uma refeição. São a razão de ser de uma refeição. Mas o significado não se esgota neles mesmos.

Quando o homem busca o alimento e a bebida, busca a vida, a subsistência, a continuidade, a energia e a força de superação, de prolongamento, de durabilidade. E mais ainda: comer e beber, para o homem, não é uma simples resposta às necessidades biológicas naturais. Todo alimento que o homem ingere é, antes, "preparado", "cultivado", "humanizado", isto é, adaptado ao homem. Ele colhe ou recebe o produto da terra, mas lava-o, descasca-o, tempera e cozinha, salga ou adoça, mistura, acrescenta-lhe sabor. Como cultivou a terra para produzir alimentos, cultiva, depois, os alimentos para produzir prazer. Neste particular, distingue-se bem do animal que, instintivamente, ingere o alimento em seu estado bruto, ainda que natural, sem os requintes da inteligência humana. Há línguas que possuem um verbo para designar o comer do homem e outro para designar o comer do animal.

Notamos ainda outra particularidade: o homem põe e põe ainda um gesto característico: consagra a Deus as primícias dos frutos do campo, como é freqüente no AT e em outras civilizações primitivas, no simbolismo eloqüente de devolver a Deus o que de Deus recebera. Como se quisesse jogar na esfera do divino a comida e a bebida, elementos que entram também na composição dos ritos litúrgicos. Portanto, o homem **civiliza** e **sacraliza** o fruto da terra e de seu trabalho. Por isso, o pão e vinho, elementos do trigo e da videira, fornecidos pela natureza e dela extraídos pela força do homem, vêm carregados

de tão rico simbolismo: quando postos à mesa significam a mãe natureza dádiosa e boa, criada por Deus e o trabalho do homem, que na mesa se vem alimentar para continuar a viver. É, pois, o homem todo que está ali representado sobre a mesa.

Lembram estes elementos a graminea trigo e a videira brotando do solo, mas querem lembrar também o **trabalho** do homem que domestica estas criaturas, tornando-as alimento e bebida, fazendo-as prolongamento da vida e fonte de prazer. Lembra este trabalho que o homem, em todos os tempos e mormente hoje, transformou em sofrimento e mesmo em instrumento de suplício para seus irmãos, amarrando-os como bestas às máquinas de produção, inventando até mesmo a escravatura, ainda hoje longe de estar totalmente abolida. A comida à mesa lembra o trabalho honesto e o trabalho injusto... Lembra também a **terra**, donde brotam estas plantas. Esta terra que Deus deu ao homem, florida e cheia de vida, e que ele foi destruindo, matando aos poucos. Esta terra que ele deu a todos os descendentes dos primeiros homens e que estes descendentes foram cercando com muralhas e traçados, deixando grande parte dos herdeiros fora dos limites, proclamando-se eles mesmos, senhores e proprietários, matando para defender. Esta terra, enfim, da qual todo homem vem e para a qual irá, como ordenou o Criador. Lembra esta terra da qual arranca a riqueza bruta e civiliza, para lhe ser útil, mas à qual, não raro, se agarra pecaminosamente, tornando-se idó-

latra e levando Deus a destruir homem e terra. Esta terra que, hoje, mormente, no Brasil, se torna razão de uma verdadeira guerra pela sua posse, desencadeando injustiças e pondo, em campo, exércitos de homens assalariados pelo crime, desenraizando famílias e populações, expondo-as ao relento e lançando-as pelos caminhos aventureiros do mundo, onde o horizonte confina com a miséria.

Esta terra que lembra um fenómeno muito nosso: as migrações. Terras pequenas e empobrecidas, incapazes de dar pão a todos os filhos, que são obrigados a procurar outras terras mais vastas e mais generosas, como é o caso do Brasil, com suas vastidões inaproveitadas, capazes de dar trabalho e comida a boa parte do mundo errante deste nosso fim de século. Mas não basta dar terra, pede-se algo mais: é aqui que o cristianismo está convidado a dar a sua colaboração. Ajudar a ver não apenas a mão de obra que chega às nossas terras, mas o homem.

b. **A mesa:** Barbotin escreve que "a mesa é o móvel social por excelência e, antes de tudo, é o móvel da reunião" (1). A mesa, assim, é mais que simples adorno e mais que simples móvel funcional para a refeição. É um poderoso símbolo que vem lembrar que, em verdade, a mesa pode ser o centro onde convergem mentes e corações e não apenas estômagos e que, por isso, na história do homem, a mesa foi palco de importantes decisões. Não apenas a mesa despida, mas arrumada com pratos e copos, comidas e bebidas. A mesa continua, ainda

hoje, com o poder de convocar ao seu redor homens de posições contraditórias e opostas, mesmo antagônicas e com a força de levá-los a brindar o encontro de uma solução que aproximou os extremos e evitou conseqüências danosas para o futuro. A sala que ostenta uma mesa é um local aconchegante e dialogante, realizando o milagre do diálogo, por vezes não alcançado num gabinete. Ela mesma se pode transformar num personagem, como na peça de Casona, **Barco Sem Pescador**, onde a avó, na sua solidão desabafa com a mesa que vai arrumando para o jantar. Assim, o "pôr-se-à-mesa" é mais do que aproximar-se da fonte da alimentação. É procurar a comunhão, a união, o convívio. Daí, os que se assentam juntos à mesa se chamam de convivas. Válido, pois, todo o esforço para fazer da mesa um centro de atração e um local ameno de encontros.

c. **Comensais:** tanto os alimentos quanto a mesa atingem seu verdadeiro significado, quando se tornam úteis ao homem, porque o ser-útil-ao-homem é sua verdadeira finalidade. Os homens que juntos se assentam em volta de uma mesa chamam-se **comensais**, os companheiros de mesa. O que os reuniu não foi, em última e decisiva realidade, o comer. Devia existir, já antes, algo que os segurava unidos: um ideal, uma amizade, um laço de família, uma função comum, um acontecimento, um problema coletivo, até mesmo uma divergência. Supõe-se reine entre eles um conhecimento mútuo, ou ao menos um desejo profundo de acolhimento e aceita-

ção e uma grande vontade de fazer ou estreitar laços de amizade. A mesa funciona, então, como **oportunidade** ou local privilegiado, onde se elabora um encontro de profundidade.

Quando um grupo de homens se reúne para degustar o mesmo alimento, simbolizam o propósito ou o desejo de participar da mesma situação, da mesma problemática, da mesma alegria, da mesma contingência, da mesma realidade. Lembremos que comer e beber juntos sempre foi uma forma de expressar a "aliança", aproximação, união, fusão, dependência amorosa. Quando a comensalidade aparece, o homem civiliza a refeição: já não senta à mesa apenas, para matar a fome ou atender a suas necessidades primárias, mas para saciar outras necessidades mais profundas de seu ser social ou do seu ser-para-o-outro. No homem não palpita apenas a necessidade de comer e de beber, mas também a necessidade de associar-se, de juntar-se. Observa, com muita justeza, Leroi-Gourhan que a antropologia mostrou, até agora, pouco interesse pelo fenômeno elementar da alimentação, tanto assim que se fala mais em trocas de prestígio do que nas trocas do cotidiano, das cerimônias rituais do que dos serviços banais, da circulação de moeda do que dos legumes, mais do pensamento das sociedades do que de seus corpos (2). E, no entanto, estas trocas humanas, por nós tão banalizadas, são, em verdade, as mais antigas do gênero humano.

À mesa, quando o homem passa um prato ou um pedaço de pão ao

companheiro, está passando mais do que isso, pois, como escreve Dirks, "comer é a forma humana de dizer sim, pois é o sim, ao mesmo tempo, do corpo e da alma. . . Assim, consumimos em comum a sorte comum da humanidade: sua miséria, seu trabalho, seu pecado, sem evasões possíveis" (3). O vinho que alegra o coração do homem, que amolece fronteiras e quebra protocolos, simboliza a forma de aproximação espiritual que deve unir os convivas ou comensais. Portanto, a refeição não é mero gesto de comer, de se alimentar, ou de se apropriar de alguma coisa. É, antes, um **comer-junto**. Quando o homem partilha a alimentação, vai além do simples ato de sobreviver, da simples apropriação, para entrar no mistério da comunhão fraterna.

d. **Convocação:** em torno da mesa, como ficou expresso acima, reúnem-se pessoas que, de algum modo, se sentem convidadas ou convocadas. As parábolas de Cristo falam, muitas vezes, do convite do senhor que oferece um banquete de bodas. Ninguém se instala numa mesa como "penetra", pois será reconhecido e humilhado. Deve haver antes uma convocação. Um chamamento. Esta convocação compromete o convidado, porque ele aceita e, aceitando o convite, aceita participar, e, aceitando a participação, aceita tomar parte ativa na vida daqueles com quem vai assentar-se à mesa. Entra, assim, na comunidade. O assentar-se torna-se, então, a resposta ao chamado. Os laços que, antes, existiam talvez tênues e frágeis, reforçam-se com a participação à mesma mesa. Os

obstáculos que impediam aproximações cedem frente à comunicabilidade que a mesa propicia. O conhecimento cresce e com ele crescem o envolvimento, a participação, a presença na vida da comunidade.

e. **A refeição:** inicialmente, a refeição era um ato religioso que se iniciava por um sacrifício. Dava-se, depois, também o inverso: terminava por um sacrifício, no qual os alimentos eram consumidos em honra de Deus ou das divindades. Os termos que designam a refeição são uma aplicação vulgar de termos sacros. Lendo o poeta grego Homero, encontra-se ali esta lembrança no cuidado com que descreve os preparativos para a refeição: verdadeiro ritual. O sacrifício precede a refeição. Cada conviva toma sua parte, mas ninguém toca antes que as primícias consagradas aos deuses sejam totalmente consumidas. Mesmo no antro do Cíclope, a frugal refeição que Ulisses toma com seus companheiros, inicia-se por um sacrifício. Aos poucos, se vai operando a desassociação entre refeição e culto, mas as origens religiosas continuam presentes em algumas práticas: ablução das mãos, libação, a prece aos deuses. Interessante notar que, enquanto a refeição se vai tornando um gesto puramente leigo, o banquete sagrado se conserva vivo no ambiente grego e latino, sobressaindo um gosto acentuado pelos banquetes coletivos, patrocinados pelo Estado, por associações ou subscrições (4). Como diz Léon-Dufour, "a refeição sancionava, não raro, uma aliança. Falava sempre da fraternidade no ato que sustenta a vida. Esta co-

munidade-de-mesa supõe o senso da hospitalidade e a união dos corações... Quando uma refeição coroava os sacrifícios rituais, significava a comunhão com a divindade..." (5). Razões estas que emprestam à refeição um caráter profundo de elemento unificador entre os homens e entre os homens e Deus.

## 2. Razões de estar à mesa

- necessidade de sobrevivência
- exigências da celebração da festa, como algo fora do ordinário
- partilha da alegria
- quebra-gelo nos relacionamentos políticos e sociais
- paradas no cotidiano
- dinamização da convivência
- oportunidade para encontros
- busca de elementos comuns na solução de problemas comuns
- busca do outro
- busca da divindade

## 3. Conseqüências do sentar-se à mesa

- alimenta a amizade
- favorece a comensalidade e o companheirismo
- alenta a certeza de não se estar só na caminhada
- reforça os laços de parentesco

— aumenta os conhecimentos mútuos

— coloca no âmago da problemática e convida à luta

— partilha as idéias e experiências da vida

— sensibiliza pela presença do outro

— amadurece os relacionamentos

— propicia a queda de máscaras e o encontro com a autenticidade

— purifica a familiaridade de interesses escusos

— educa para as boas maneiras

— cria o espaço da escuta

— movimenta encontros em profundidade

— ensina a renúncia em favor dos outros

— propicia a manifestação da solidariedade

— leva a descobrir o próprio lugar: quando fores convidado a um banquete, não ocupes o primeiro lugar...

— leva a redescobrir o simbolismo das coisas, linguagem necessária na vivência e comunicação humanas

— valoriza o trabalho do outro, do qual depende a refeição e os elementos que a compõem

— sensibiliza para a fraternidade entre os homens, pois a mesa posta lembra as mesas desnudas de outros irmãos

— para nós cristãos: simboliza a refeição do Cristo e a do Pai.

## II. A REFEIÇÃO DE DEUS

No plano de Deus, é admirável a forma como assume a realidade do homem. Quando se fez homem,

assumiu a família assim como vigorava no momento, sem criar uma nova estrutura ou exigir uma nova

forma de existir. Nos seus dias terrenos, Cristo aceitou a ordem vigente — eclesial e política — e a ela se sujeitou, embora tenha mostrado as distorções, fruto da manipulação do homem e não defeito da ordem em si. O mesmo se diga a respeito da refeição. Ele a aceita com sua realidade e seu simbolismo e a assume como tal. No correr da história, Deus faz da refeição o local de seu encontro e de sua comunicação com o homem. Poderíamos passar em revista o Velho e o Novo Testamento e encontraríamos a refeição como momentos privilegiados, em que Deus se manifesta ao homem e com ele convive. Recordemos o maná e a água na caminhada do povo eleito através do deserto inóspito, como forma de que Deus não esquecera seu povo (Ex 16 e 17), o banquete da aliança aos pés do Sinai (Ex 24,1ss), o banquete da páscoa judaica, sobretudo, que marca a libertação das terras escravocratas do Egito (Ex 12,17), a refeição de Elias, desanimado peregrino pelo deserto, buscando a morte como saída do insucesso (1 Rs 18). São refeições que manifestam a presença de Deus, o poder de Deus, os cuidados paternos de Deus, a vontade manifesta de Deus, sua familiaridade com o homem, a possibilidade do intercâmbio, o simbolismo das promessas que estavam à espera...

No Novo Testamento, com mais clareza e mais abundantemente, aparece a refeição como elemento importante na vida de Cristo e na sua preparação dos homens para a implantação do Reino. Seu primeiro **sinal** deu-o aliás, como nota o

Evangelista, nas bodas de Caná, durante uma refeição, onde veio a faltar o vinho (Jo 2,1 ss). A ceia com Mateus: quando o discípulo quer festejar sua conversão e seu chamamento, Jesus não recusa enfrentar a opinião pública do tempo e assentar-se à mesa com “desclassificados”, por causa da profissão que exerciam (Mt 9,9ss). A refeição, na casa de Marta e Maria, em Betânia, onde revela a importância da “escuta” e da troca de palavras. O encontro numa refeição não deve desperdiçar-se apenas no serviço de fazer comida, mas devem-se aproveitar as oportunidades de comunicação, propiciadas pelo ambiente criado pelo momento (Lc 10,38ss). Uma outra refeição, na casa de um rico fariseu de projeção, onde, em dia de sábado, Cristo cura um hidrópico, mostrando que a refeição, passando por cima de tradições e usos, deve atingir o mais importante que é o comensal, o outro, e com isso se transforma num momento de intensa solidariedade e atenção para os menos favorecidos e mais necessitados (Lc 14,1s).

Além disso, tomando-as como um conjunto a parte, poderíamos analisar as refeições depois da ressurreição do Senhor, tantas vezes presentes em seus encontros com os discípulos atônitos e hesitantes, onde tenta provar que vive porque come, mas sobretudo continua vivendo em clima de Última Ceia, que com eles celebrara às vésperas de sua morte. A primeira refeição relatada é a de Emaús, tão ilustrativa e rica de pormenores, onde os olhos dos discípulos se abriram e

eles reconheceram o Senhor ao partir do pão e, nesta hora, recuperaram a fé, sem a qual estavam fugindo da cidade de Jerusalém, o campo onde estavam, sendo provados em sua fé (Lc 24ss e Mc 16,12s). Neste mesmo dia, aparece aos Onze que se encontravam reunidos à mesa, por medo e por indecisão e talvez por desesperança até, e censura-lhes a incredulidade e dureza de coração (Mc 16,14s). Em Lucas, encontramos a passagem em que aparece aos discípulos, enquanto estavam comentando o acontecimento de Emaús, e tenta provar-lhes que não é espírito e pede, então, lhe tragam algo para comer, trazendo eles peixe assado que ele comeu na frente deles (Lc 24,35s). Finalmente, junto ao lago de Tiberíades, que tão profundamente marcou já a vida daqueles homens, Cristo convida alguns apóstolos, amarrados ainda a dúvidas e torturados por perguntas angustiantes, a que participem de frugal refeição, por ele mesmo preparada: pão e peixe assado, nas areias da praia. Foi logo após esta refeição que Cristo submeteu Pedro à tríplice prova de amor (Jo 21,9ss).

Mas a grande e sublime refeição do Senhor foi a **Última Ceia**, ou a Ceia do Senhor (Coena Domini), que se coloca como a maturação plena de todas as refeições que Deus fez com os homens, porque nela desembocam os símbolos de todos os tempos, para se tornarem realidade. Ela é como a grande mesa armada no centro do mundo, para a qual acorrem os homens de todos os cantos da terra e de todos os tempos, para tomar assento e

provar e ver como Deus é bom, com Deus é companheiro, como Deus é comensal, como Deus já instalou seu Reino no meio dos homens. Na sua forma de agir, em que costuma tomar os elementos humanos sem alterá-los, mas elevando-os, Deus toma a refeição do homem e a transforma em refeição de Deus. “Quanto à Eucaristia não há que hesitar: é uma refeição. Não só foi instituída durante a ceia, mas ela mesma é refeição. É o sacerdote, antes das palavras da consagração propriamente ditas, repete o convite de Cristo: tomai e comei... tomai e bebei. Ora, poder-se-á, sem cair em absurdo, falar de uma refeição que se realizasse uma só vez? O nosso organismo desgasta-se continuamente, fatiga-se, enfraquece, mesmo sem nada fazer. É pois necessário, periodicamente a intervalos bem pequenos, restaurá-lo, dar-lhe força e alegria por meio de um alimento rico e substancial, de uma bebida refrescante e tônica” (6). Ali estão, pois, a mesa, a comida e a bebida, o pão e o vinho, os comensais, sem excluir o convite, provocando, como na mesa humana, a partilha, o encontro, a troca, a comensalidade, a união e a comunhão. O altar, então, se torna o móvel social por excelência, em torno do qual se reúne a Igreja peregrinante, que marcha para o festim do Reino, mesa definitiva, preparada para todos aqueles que ouviram e atenderam o convite do Senhor.

A Eucaristia apresenta-se sob a forma de alimento, revelando ao homem sua condição de caminheiro, como lembra Roguet: “Como é ao longo de todo itinerário do cristão

que a Eucaristia nos deve transmitir força e alegria para a viagem, bem a podemos definir como o alimento do viajante” (7). E ao usar o pão e o vinho como matérias primas para confeccionar o sacramento, lembra que todo o trabalho humano deve ter um objetivo claro: pôr-se a serviço do desenvolvimento do homem, pois, “Deus não se fez aço nem nailon, ele se fez carne e sangue, alimento e bebida, palavra, amor, presença e dom de si, fonte de comunhão e de vida. Deus, em sua encarnação e em sua Eucaristia, está indissolivelmente unido ao Amor e ao Pão. Por isso, não se pode falar adequadamente a respeito do progresso material dos homens, sem ter experimentado até o fundo o inestimável valor do fato humano que o pão e o vinho simbolizam com uma desconcertante simplicidade. O que significam os ciclotos, os fusíveis, os engenhos, os arranhacéus e os aviões, se não estiverem unicamente a serviço do homem?” (8).

É digno de reflexão o fato de que a Eucaristia continua, no correr dos séculos, levar para o altar apenas o pão e o vinho, estas humildes dádivas da terra, quando o homem avançou tanto em suas conquistas e invenções, quando sofisticou tanto a mesa e os ingredientes da comida e da bebida, quando acrescentou tantos elementos artificiais às coisas da natureza. Esta insistência na simplicidade tradicional nos recorda, simbolicamente, que a cultura também guarda valor, na medida em que se põe a serviço do homem, e a natureza não está ali para alimentar as paixões do homem, e sim para

facilitar sua missão de compreender e amar o outro. A fidelidade a esta vocação ao amor é que justifica a presença e o crescimento do homem e tudo quanto não leva a esta “primitiva” simplicidade transforma-se em jogo de interesses, plasmadores de cadeias e grilhões, impedindo a liberdade e o crescimento humanos queridos por Deus. O pão e o vinho, frutos da videira e do trigo, lembram nossas raízes agrárias.

A aproximação simbólica das duas refeições deve, no entanto, manter a nítida distinção e criar em nós atitudes correspondentes ao mistério que celebramos ou do qual participamos. Escrevendo aos Coríntios, S. Paulo lembra, com palavras sérias, que apesar de terem aceito o Cristo não aprenderam ainda a fazer a distinção entre a Ceia do Senhor e a “própria ceia”: quando vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor; cada um se apressa por comer sua própria ceia; e enquanto um passa fome, outro fica embriagado. Não tendes casa para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm? Hei-de louvar-vos? Não, neste ponto não vos louvo (1 Cor 11,17ss). A seguir, relata a instituição da Eucaristia, para mostrar todo o valor da Ceia do Senhor. Se a Ceia é o símbolo da aliança, torna-se abominável a disparidade de alimentos entre os coríntios: os famintos e os supernutridos, como também se torna condenável a acepção de pessoas ou uma distribuição injusta. Como ousam eles trazer à Igreja de Deus esta forma humana de comer, onde a injustiça comanda

a distribuição? A mesa do Senhor oferece pão e vinho, os quais são distribuídos sem distinção de pobres ou ricos, potentados ou humildes porque, em torno desta mesa, os títulos humanos desbotam e os privilégios se apagam. Toda injustiça praticada, nesta mesa e nesta hora, torna-se uma injúria a toda humanidade, uma vez que à mesa eucarística todos quantos tomam assento, tomam-no como representantes da humanidade. Razão tinha Paulo naqueles dias e continua tendo nos nossos: a conduta escandalosa dos cristãos, fora da Ceia do Senhor, aniquila neles o cristianismo, ou seja, os traços de Cristo. Ao participar da Ceia do Senhor deveriam beber a generosidade de distribuir o supérfluo em suas mesas, em verdade existente e percebido, mas não conscientizado, deveriam desposar a missão de empenhar-se na eliminação das disparidades reinantes entre os homens, cavando fossos de diferenças, verdadeiros escândalos para terras que se dizem cristãs, e colocando multidões de cristãos de mãos estendidas frente à porta de uns cristãos de mãos cheias e, por vezes, fechadas... Quando você se alimenta à mesa do Senhor, sofre a fome que machuca toda a humanidade, fome que, num país como o nosso, coloca pertinho de nós uma larga faixa de famintos, de mal alimentados, de subnutridos, porque as estruturas propiciam que uma parcela de brasileiros disponha da maioria absoluta do fruto de terra e do trabalho do homem. A Eucaristia nos questiona, profundamente, quanto às realidades do mundo, dentro das quais vivemos.

A Eucaristia reúne os participantes na comensalidade divina, recordando-lhes o grave compromisso que os liga a todos os homens. Ligar-se a Cristo é ligar-se a todos os homens que ele, nesta hora, representa. Por isso, fazer Eucaristia é emitir atos de amor, de busca, de desejos de união, de reconciliação, de encontro, de unidade, de nacionalidade. Um Congresso Eucarístico não é apenas, pois, um ato de fé de um povo, mas uma súplica ingente e coletiva pela descoberta de um caminho único, capaz de conduzir os homens a todas as fontes de todas as sedes e desejos, por ora misteriosamente veladas a grande parte do povo. Fazer Eucaristia é alimentar a sensibilidade por tudo quanto se opõe à unidade, simbolicamente expressa num só pão formado de muitos grãos de trigo, sofredamente amassados, e de um só vinho nascido de muitos grãos de uva, esmagados na dor. Porque a dor e o sofrimento estão sempre presentes nos gestos de Cristo, como o estavam sempre na sua vida. Os olhos se abrem, o coração se expande, e desenrola-se ante a alma eucarística a visão dolorosa de um mundo dividido: posseiros, fazendeiros, policiais, militares, políticos, grileiros, índios, multinacionais, grandes empresas com siglas complicadas, retirantes, favelados, bóias-frias, marginalizados — numa palavra: homens sem terra, sem direito de possuir terra, sem possibilidade de se estabelecer, perseguidos por inimigos e até pelos que deviam defendê-los por lei, desenraizados e obrigados a se pôr a caminho. Todos eles podem, com muita propriedade, ser chamados de **migrantes**.

### III. PEREGRINOS NA TERRA

Está, aqui, uma palavra rica de simbolismo, corrente na Bíblia, carregada de sentido para o cristão, porque define uma situação existencial, da qual deveriam ser vistos muitos dos valores aos quais eles se agarram. Se bem encorporada e assumida desencadearia tomadas de posição bem diversas das que tomamos diariamente em relação aos bens passageiros e terrenos, dentro dos quais nos movimentamos e pelos quais dispendemos toneladas de energia, acontecendo, inclusive, que neles naufragamos. Por isso, vamos nos deter um pouco no termo em si:

● **Peregrino:** palavra latina, cuja etimologia significa aquele que percorre os campos, isto é, as terras cultivadas (per + ager = através do campo). O termo **ager** que significa **campo**, vamos encontrá-lo também em outras palavras aparentadas e de uso corrente, como: **migrante, emigrante, imigrante:** aquele que vai de terra em terra, aquele que parte para terra estranha, aquele que entra num terra estranha. Terra, aqui, sempre no sentido de campo cultivado, porque quem sai de sua terra e busca outra, o faz na esperança de melhorias econômicas e materiais, de mais elementos para a sua mesa e mais garantia para seu futuro. Tudo oferecido e extraído da terra.

● **Nômade:** é o equivalente grego a peregrino, significa igualmente o que anda vagando ou perambulando pelos campos, à busca de pastagem. Nômade é todo aquele que não tem um "sítio" onde se fixa, mas

movimenta-se de cá para lá, na busca de melhores condições de sobrevivência para si e seus rebanhos, sem intenção de estabelecer domicílio.

O Povo de Deus, no Velho Testamento, é por excelência um povo peregrino que se desloca, impulsionado pelas forças das promessas de Javé que herdou do judeu errante, o pai Abraão (Dt 26,5), que por Deus foi arrancado de sua terra e lançado ao nomadismo, por caminhos desconhecidos, erçados de perigos, rumo à conquista da grande promessa. Chama logo a nossa atenção que foi a fé na palavra de Javé que deslocou Abraão. O povo judeu faz, ademais, a dolorosa experiência de povo estrangeiro em terra estranha, explorado pelos donos da terra, comendo o amargo pão do exílio, como fala Dante, até lhe ser dado possuir a SUA terra. Se olharmos a legislação de Israel, perceberemos o respeito pelo estrangeiro, pelo forasteiro, pelo de-fora, respeito nascido, certamente, da experiência que ele mesmo fizera sob a chibata dos egípcios.

Toda esta marcha do Povo de Deus é uma realidade e um símbolo. Realidade, porque devem pôr-se a caminho, enfrentar os desertos sem segurança alguma, beber a água salobra, comer as comidas requentadas e repetidas, experimentar os sóis escaldantes e as areias sufocantes, palmilhar os caminhos que pareciam não ter fim, cercados de inimigos naturais e de tribos hostis, com a sensação de não ter terra, de

não poder plantar e colher, de não poder sentir-se dono de algo, de não poder contemplar as colheitas douradas, amadurecendo ao sol, e brincando aos ventos, como recompensa de um suor e resposta de uma esperança. Neste empobrecimento total, Deus assumia seu papel de condutor e os judeus, mais uma vez ou muitas vezes, aprendiam que se deviam confiar a ele, porque ele era fiel ao que prometera.

Mas esta marcha era também simbólica: a terra que Deus lhes daria não seria a morada definitiva, senão uma transitória passagem, um breve permanecer, porque a casa de Javé não ficava em nenhuma montanha próxima às nuvens, em nenhum vale onde corria o leite e o mel. A morada de Javé ficava além, e todas as caminhadas e peregrinações da história adquiriam sentido enquanto conduzissem para esta casa, como, mais tarde cantariam os poetas e salmistas. E mais ainda: esta morada era destinada a todos os povos (fato que Israel custou a compreender, se é que um dia compreendeu...), por isso ela dá sentido e ilumina todas as moradas terrenas e gera uma sociologia habitacional e uma forma de possuir em relação aos outros homens. Por ser casa de todos, a ela têm acesso, porque à porta desta casa acabam, todas as distinções e todas as classificações que tanto infelicitam o homem. Por que todos têm uma casa à espera, é que todos podem lutar para ter seu abrigo terreno: sua casa e seu quintal, seu trigal e seu vinhedo, para poderem levar à própria mesa os frutos da generosidade da terra e do labor do homem.

Nossos dias apontam, igualmente, para estas duas direções: o sentido real das migrações e o sentido simbólico de nossas migrações. O sentido real: nossos caminhos andam povoados de homens, mulheres e crianças, trouxas às costas, fome no estômago, desespero na alma, pouxada sob as pontes, nos bancos dos jardins, nas estações, sob as marquises, quando não devem fugir de bandos armados. A ganância compra ou rouba o palmo de terra sobre o qual haviam encontrado sua "gruta" ou sua "casinha de Nazaré" e resta-lhes buscar o relento. O verde vai sendo ocupado pelo gado e os homens carregados em paus-de-arara são levados para as terras da ilusão, onde não raro floresce a escravidão, a forma aguda de uma série de outras aberrações praticadas pelo nosso século. As denúncias e as acusações se misturam aos gritos e às lamentações dos expoliados. Esta realidade ali está, incontestável, denunciada abertamente por Puebla e tantos outros documentos e pronunciamentos de homens que sentem o problema, hoje.

Mas, apesar de tudo, nossos olhos devem conseguir perceber, nesta caminhada, por vezes lúgubre, uma luz simbólica. A transitoriedade revela-se, em toda a sua nudez, nestas horas de migração, e recorda que somos peregrinos: jamais encontraremos um pedaço de terra que guarde a solução total de nossas necessidades e a resposta completa de nossos anseios. Onde pisarmos, será sempre o ponto de elaboração, onde temporariamente, vale dizer, por um espaço de tempo, elaboramos nossa

capacidade de posse da morada eterna. Porque esta eternidade não é algo simplesmente à distância, longe no tempo, mas algo com o qual convivemos já no tempo. Viajamos sempre, sem nos fixarmos, porque a vida é caminho, é espaço aberto à nossa frente, é desafio escondido no mistério do desconhecido, que por nós deve ser desbravado. O cristão é sempre um lutador, não um tranqüilo espectador contando os sóis que nascem e os sóis que morrem. Entre um sol e outro sol lhe é dada a luz, para que ele veja. Eis ali o desafio: olhar, ver, contemplar, analisar, penetrar o âmago, ver o outro lado, desdobrar, isto é, desfazer as dobras das coisas e dos homens, para vê-los como são... Mas ser cristão é também vivência na fé que faz acreditar nas promessas. É vivência na esperança que sabe que Deus não engana. É vivência no amor, que faz amar o caminho, os companheiros de cada dia, os perigos, as paisagens, as surpresas, o amanhã, o futuro que nos aguarda.

O não ter terra, o não ter posse, o não poder colher são expressão dorida de um drama desencadeado pela maldade do homem, pela sua não-aceitação do plano de Deus, pela não-vivência do mandamento do amor, em suas exigências mais fundamentais e concretas. Por isso, lutamos para solucionar esta dramaticidade ou, ao menos, atenuá-la, para que o menor número possível de homens seja envolvido pela trama materialista de nossos dias. Mas não esqueçamos que tudo isso é também símbolo de que Deus nos quer livres, sem amarras, sempre prontos para nos pormos em mar-

cha, com a tenda desmontável ao menor aceno do Pai, ao simples convite do irmão, com a consciência clara de que AQUI não é a nossa pátria, pois todos caminhamos para LÁ, onde estão as nossas moradas, preparadas antes mesmo que existíssemos. A terra é uma necessidade, mas a história o está provando, sempre de novo, é também uma tremenda amarra. Por isso, há homens e mulheres que ainda hoje, como quando Cristo andava pelas terras palestinas, capazes de, voluntariamente, livremente, sacudir tudo quanto é posse e propriedade, para serem apenas mensageiros, simplesmente **palavra**, para levar a todos a Palavra que liberta e salva, que distribui com justiça e toma a dianteira para guiar para a casa onde não se precisam documentos de proprietário para tomar posse.

Outro ensinamento: como diante de nossas portas desfilam migrantes, peregrinos, nômades, de todas as cores e origens, nossa **hospitalidade** fica questionada, esta hospitalidade, da qual nos será dito um dia: fui peregrino e me acolhestes ou não me acolhestes (Mt 25, 35) e segundo ela teremos o acolhimento de parte deste Senhor que se identifica com a pessoa do forasteiro. Aquela hospitalidade que S. Paulo pede aos hebreus não esqueçam, "porque, graças a ela, sem saber, acolheram anjos" (Heb 13,2). Uma hospitalidade bem compreendida leva à corresponsabilidade que, por sua vez, leva a buscar soluções, partilhas, colaborações, na tentativa de tornar a caminhada do homem menos amarga e causticante, menos animal e mais divina. Foi esta realidade que

moveu homens e mulheres, no correr da história, a olhar o panorama do mundo e os comoveu. E daí ousaram lançar as bases dos institutos que hoje, bem ou mal, fiéis ou paralelos, estamos levando adiante. Foi a vontade de agilizar o Evangelho que os levou às fundações. Entenderam bem que a forma como nós colocamos o irmão — ou fora ou dentro da porta — será o paradigma usado pelo Senhor, quando vier. O “vinde” que ele pronunciará é um verdadeiro “entre” que a casa é sua desde toda a eternidade...

O despojamento a que o migrante está sujeito nos leva ao auxílio pronto e generoso. Mas leva-nos, igualmente, à reflexão de que nas horas de tolo despojamento do povo hebreu, no deserto, quando as possibilidades humanas haviam chegado ao fim e as possibilidades da terra já não respondiam, Deus lá estava, vigilante e fiel. Deus intervinha. Inter-vir é vir para o meio de, estar junto de. Não é apenas um milagre à distância, um envio de bandos alados ou chuvas de maná, mas ele mesmo está presente. Isso só se entende quando o despojamento é aceito, porque somente os olhos do pobre verão a Deus, uma vez que entre estes olhos e a face de Deus não se interpõe o brilho falaz de nenhum metal humano.

Quanto menos o homem possui, mais espaço existe para a ação de Deus. Custa acreditar, e mais aceitar; e mais ainda viver esta perspectiva. Quanto menos as raízes do homem se fixam na propriedade, mais mobilidade tem ele; de ir ao encontro, porque a misericórdia de Deus não apenas é gesto de sua vinda em nossa direção, mas também é movimento nosso na direção dele. Quanto menos “instalado” na terra, mais “inquilino” de Deus. É a luta que desde os tempos de Cristo as almas enfrentam: harmonizar a posse de bens com a posse de Deus. A terra é de Javé, nós apenas somos administradores, servos, usuários, que a utilizamos até que ele nos indique o lugar definitivo. Quando passamos adiante um pedaço de terra, cumprimos, apenas, nossa obrigação, damos o seu a seu dono. O importante é o seguinte: quer o homem peregrine sem terra, quer se instale num pedaço de terra, quer seja proprietário de fazendas e léguas de terras, ele será sempre um **dependente**, o que vale dizer, terá sempre um Senhor, o qual disporá da terra e dos frutos da terra e, ao qual o homem prestará contas, não apenas, um dia quando estivermos face a face, mas já no tempo histórico ele exige de seus administradores que sejam fiéis como escreve S. Paulo.

#### IV. EUCARISTIA, SACRAMENTO DAS MIGRAÇÕES

Logo nos vem à mente e aos olhos a imagem da Páscoa dos judeus: um povo, em trajes de viagem, sandálias aos pés, mãos apoiadas no bastão, pressa descompas-

sando o coração, esperanças de nova terra do outro lado do deserto chamando forte, as ameaças entre os dois pontos desafiando a fé e a coragem e a confiança em Javé. Antes

da partida, o povo se reúne em torno da mesa, em todas as casas, à mesma hora, executando um mesmo gesto, num impressionante sinal de **unidade**. Daqui a pouco precisariam muito desta unidade. Seria ela posta à prova, não poucas vezes, e sem ela iriam morrendo ao longo do caminho, deixando os cadáveres como testemunhas de sua ausência. Comiam juntos, porque juntos deveriam marchar ao longo do penoso caminho que desembocava na terra prometida, comum a todos, sonho único de todos eles. A ceia simbólica conclamava o povo à unidade. Antes de uma grande viagem a ceia alimenta as forças e restabelece a unidade.

Quando Cristo instituiu a Eucaristia, toma como ponto de partida a ceia judaica, com seus ingredientes e forma de realizar-se, mostrando que partia de um sinal simbólico para a realidade plena. Naquela noite o simbolismo desaparecia, porque naquela noite, iluminada já pela sombra da cruz da sexta-feira-santa, Cristo inaugurava a ceia da "nova e eterna aliança", entre o povo e Deus, tendo ao fundo a aliança do povo eleito, nos distantes dias do cativeiro egípcio. E como a vida do homem é marcadamente uma jornada de caminheiro ao longo de sua história, caminhada feita de pedaços que recomeçam sempre de novo, a Eucaristia coloca-se como o banquete, no qual o homem busca suas energias, renova sua unidade e se lança, sempre de novo, à conquista da terra prometida, não como indivíduo perdido nos atalhos ou ser isolado, mas como povo. Participar da Eucaris-

tia é participar do sacramento da unidade — confessava-o já S. Agostinho — como representante de um povo migrante, nômade, peregrino, em busca da casa do Pai.

Os apóstolos que com Cristo se assentavam à mesa da ceia, foram por ele convocados. Conhecemos a história de cada um; o momento do encontro, o chamamento, a resposta, o seguimento, a adesão. A Eucaristia é sempre convocação, vocação. Sobretudo é uma vocação para ser continuador da presença da Eucaristia. E todo chamamento contém também o envio: envio para outros pontos, exigência de deslocamentos — longos ou curtos —, migrações, mudanças, porque participar da Eucaristia é fazer a descoberta das necessidades do mundo, é sentir-lhe o coração machucado, é sentir a vontade de pensá-lo. Mas no início de toda caminhada deve colocar-se a Eucaristia como fonte de energias, onde o homem volta, sempre de novo, para reformecer seu alforje antes de lançar-se ao caminho, à maneira do povo judeu que, às vésperas de se lançar ao deserto desafiador fez, antes a experiência, da unidade com Deus e com os companheiros de jornada, na mesa do cabrito pascal, símbolo da passagem, e da morte do verdadeiro Cordeiro. Era assim que procediam os homens, antes de partir para as grandes cruzadas ou conquistas, para os descobrimentos ou bandeiras, antes de entregar-se aos mares ou às selvas: ajoelhavam-se em torno da mesa eucarística. Ainda hoje, fazemos o gesto, mas esquecemos o conteúdo e o simbolismo. Mesmo assim, a riqueza que o Senhor co-

locou na noite da Ceia sobre a mesa, continua à disposição da humanidade.

Eucaristia é percepção dos comensais, daqueles que estão conosco e caminham pelo mesmo trilho: "Por eles eu rogo, guarda-os em teu nome, para que sejam um... não peço que os tires do mundo, mas os guardes do mundo, consagra-os na verdade. Por eles a mim mesmo me consagro. Não rogo só por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim... Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo" (Jo 17, 1ss). Pouco depois de assim ter rezado, quando os perigos e a morte caíam sobre ele, terá forças de rogar à soldadesca: "se me procurais, deixai que estes se retirem" e o Evangelista anota a razão: "a fim de se realizar a palavra que diz: não perdi nenhum dos que me deste" (Jo 18 8s). Se, ao participar da Eucaristia, me descubro representante de todo o povo que caminha, aprendo também a ser solidário com todos. A mesa do Senhor arrebenta em mim qualquer solidão ou muralha, para dar passagem à procissão de homens peregrinos e migrantes, carregados com todas as misérias e desejos cruciais que se transformam, por vezes, num gemido ou numa grande revolta. A luz da Eucaristia me ajudará a entendê-los e amá-los, mesmo nas horas de brutalidade e violência, na forma difícil de viver o mandamento do Senhor: amar o outro... No meio do concreto brutal e selvagem do mundo de hoje, a Eucaristia me faz descobrir a figura esmagada e oprimida do ho-

mem, reduzido pela técnica a um lugar de inferioridade, da qual meu trabalho deve arrancá-lo. Urge celebrar a Eucaristia no meio desta realidade, para que o homem retome sua estatura: isto é o meu corpo... E o corpo raquítico do homem sofrido reveste a grandeza daquele que revistiu a nossa humanidade.

Um Congresso Eucarístico não quer apenas ser honras e homenagens ao Cristo Eucarístico, mas trazer o corpo do Cristo Eucarístico ao homem brasileiro, nesta hora grave de sua história. Pondo Cristo no centro das atenções, colocamos o próprio homem na mira de todas as atenções. E, então, começamos a ver:

◆ Os migrantes com suas esperanças queimadas, marchando incertos para o desconhecido, onde, como José e Maria, provavelmente, não encontrarão lugar, para si e seus filhinhos nascidos ou a nascer.

◆ Os índios com suas flechas quebradas e sua identidade poluída, desiludidos por uma civilização que lhes oferece o extermínio, em fórmulas douradas.

◆ As procissões dos expulsos de suas terras, vendo suas roças transformadas em pastos e suas casas em chamas, ao pipocar das armas de fogo, desacreditando de toda justiça instituída.

◆ O cortejo do menor abandonado, aprendendo na rua o triste mister que terminará por levá-los a um reformatório, plasmando os revoltados de amanhã.

◆ As multidões das crianças que não conseguiram matricular-se em nenhuma escola e começam a aceitar a idéia de conviver com o analfabetismo, que emperra ainda seus pobres pais.

◆ O exército de operários e assalariados que mal conseguem adquirir uns gramas de pão em troca de horas exaustivas de trabalho.

◆ Os esquadrões dos violentos, instigados pelo ódio, semeando medo e insegurança, fazendo do roubo e do crime uma profissão.

◆ As multidões dos marginalizados pelo sistema, pela situação econômica, pela expansão da grande cidade, pela ferocidade das grandes imobiliárias.

Desta Eucaristia brota o convite: saí pelas estradas e pelos becos, pelas favelas e pelas roças, pelos agrestes e regiões ressequidas e forçai os aleijados e esfarrapados, os sem-terra e sem-família, os ignorados e ignorantes, a entrar na família de Deus, para que, não obstante tudo, saibam para onde vão.

#### NOTAS

(1) Humanité de Dieu... in **Théologie**, n. 78, 1970, p. 326s. (2) **Le Geste et la Parole**, Albin Michel 1964, p. 210. (3) **Le Pain Quotidien**, in **La Maison-Dieu**, n. 18, p. 107. (4) **Dictionnaire Illustré de la Mythologie et Antiquités Grecques et Ro-**

**maines**, P. Lavedon, Hachette, Paris — verbete **repas**. (5) Gf. **Dictionnaire du Nouveau Testament**, Éditions de Seuil, Paris 1975. (6) A. M. Rouguet, **Sacramento e Vida**, Liv. Sampedro Edit., Lisboa 1965, p. 112. (7) Op. cit. p. 117. (8) G. Matelet, **Réssurrection, Eucharistie et l'Homme**, Desclée, Paris 1977, p. 30 s.

# ORAÇÃO: PRESENÇA E AUSÊNCIA

## 1º ARTIGO

**P. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ**

Viajei muito nestes últimos anos. Estive em diversos países. Entrei em contato com pessoas, grupos e ambientes. Tratei com freqüência com leigos e religiosos, com sacerdotes e bispos(\*). Dois fenômenos me impressionaram. Ambos presentes em toda parte. Coexistem, neste horizonte amplo e diversificado, tanto no plano social dos grupos, comunidades, família, como, não raro, no nível de um mesmo indivíduo.

O primeiro fenômeno é a intensa presença e vitalidade da oração. O segundo, é a debilitação, carência ou ausência de oração. É sobre o segundo que pretendo falar aqui. Mas será bom focalizar, brevemente, o primeiro.

### **Presença da oração**

É realmente um fenômeno. A ninguém foge o extraordinário surto e enriquecimento da vida de oração na Igreja nestes últimos dez

### **(\*) NOTA**

Além de inúmeros contatos esporádicos ou regulares com pessoas ou grupos, de leigos e religiosos sobretudo, estive presente a várias Assembléias Episcopais da CNBB, a 4 Assembléias Nacionais da CRB (1968, 1971, 1974, 1977) e a muitas Regionais; participei 3 vezes como conferencista, das Assembléias de Superiores Gerais representativas de todo o mundo, cada Assembléia reunindo em Roma cerca de 500 Superiores Gerais (1974, 1975, 1978). Segui em 1976 toda a Sessão de Estudos de 168 Superiores Gerais (Homens), em Villa Cavalletti, perto de Roma. Estive presente, como assessor ou conferencista, com intensidade maior ou menor de ação, a oito capítulos Gerais de Congregações Internacionais, e a não poucos capítulos provinciais, tendo acesso a toda a sua informação preparatória. Mas, foi sobretudo do mirante privilegiado da Presidência Nacional da CRB que, por nove anos, pude observar e sentir boa parte dos aspectos aqui elencados, assim como eram vividos por um grande número das quase 500 Congregações que operam no Brasil.

anos. Multiplicaram-se as casas de oração. Algumas, situadas em meio urbano ou metropolitano, atraem constantemente pessoas que descobriram ou redescobriram o sentido e a força da oração. Casas de retiro, frequentadas antes apenas pelos grupos regulares de retiros anuais, são hoje disputadas em qualquer tempo, durante períodos curtos ou longos, por pessoas que buscam na oração sua própria conversão ou crescimento interior, o discernimento de uma vocação ou situação particular. Elas o fazem, sem qualquer injunção de autoridade ou regulamento que o exija. Impressionante, em alguns países, o florescimento de retiros de 20, 30 ou até 40 dias, com aconselhamento espiritual pessoal, retiros que estão transformando vidas jovens, relançando outras já mais vividas, dando-lhes a todas uma nova perspectiva. Para leigos, sobretudo, criou-se a fórmula do retiro protraído por vários meses que o torna compatível com o trabalho profissional diário. Na França como no Canadá muitas pessoas adotam esta modalidade de intensa experiência de oração.

Antigos e novos grupos ou movimentos de leigos, adultos ou jovens, enfatizaram a oração como centro de sua dinâmica de união, de aprofundamento, de reciclagem. Seria longo especificar os nomes e talvez seja melhor não fazê-lo, para evitar o risco de omissões. Mas eles estão aí, conhecidos e ao alcance de todos, dando um toque de vida nova a casais, famílias inteiras, grupos de amigos, jovens, a gente que

trabalha e a estudantes de todos os níveis.

Não menos significativa a experiência de rezar com outros, de rezar em comum, de partilhar a ou na oração. Este é um veio rico que renovou comunidades religiosas ou deu consistência a comunidades de base, grupos paroquiais e de juventude. Foi por aí que o Espírito circulou degelando o formalismo e anonimato de pessoas que conviveram anos sob o mesmo teto sem sequer se conhecerem. E não foi menos isto o que catalizou, nas comunidades de base de nossos dias, uma fé simples e uma espiritualidade espontânea e profunda de nosso povo sobretudo do interior.

A utilização do vernáculo na liturgia eucarística e sacramental abriu amplo espaço à participação dos fiéis, com admirável criatividade em textos e em música.

Neste quadro desejo recordar esta outra forma de oração traduzida sobretudo na multiplicação de cantos lindos, com letras de grande riqueza espiritual, teológica, bíblica e poética. Vale mencionar particularmente dois países que, por certo, se distinguiram. Os Estados Unidos onde praticamente se tornou possível substituir os vetustos hinários de dois ou mais séculos, por toda uma floração de cantos, canções, hinos, alguns de alta qualidade musical, bem mais consentâneas, também no seu texto, com as necessidades atuais dos fiéis e sua educação na fé. O Brasil, onde a Campanha da Fraternidade tem lançado todos os anos um novo repertório de cantos, uns mais fáceis e

bonitos, outros menos, mas quase todos ricos de conteúdo no seu texto. A este povo tão musical, capaz de inovar e cantar cada ano toda uma linha de sambas para o Carnaval, a Igreja passou a alimentar também com uma riqueza melódica de grande potencial catequético. Mas não é só a Campanha. Basta abrir um de nossos livros de canto para deparar com a fecundidade musical de vários compositores jovens que enriqueceram o Brasil religioso com belas letras e músicas. Recordo, por exemplo, a notável beleza de tudo o que se criou em oração cantada para o Congresso Eucarístico de Manaus e que mereceria ter obtido mais ampla divulgação nacional.

Como um fio, perpassando todas estas manifestações de oração, há uma promissora presença da Palavra de Deus na Escritura, feita acessível, descoberta e valorizada como a verdadeira e inesgotável fonte e inspiração da oração individual e comunitária.

É particularmente sensível sobretudo a presença renovada do Espírito Santo, como vivificador e transformador da oração na Igreja, levando-nos, como pessoas ou como comunidades, a uma oração espontânea e íntima, certamente marcada por um tom pessoal no contato com Deus e por sua proximidade à vida e aos irmãos.

Finalmente, a oração ecumênica, esta aproximação diante do Senhor de diversas denominações cristãs. Partindo do uníssono da oração que o Senhor mesmo nos ensinou, o Espírito tem unido corações de pes-

soas cujas mentes exigem ainda tempo para se afinar.

## **Debilitação da oração**

Curiosa e paradoxalmente, ao lado de toda esta colheita tão abundante, cresce simultâneo e paralelo na Igreja este outro fenômeno, não menos generalizado, mas tremendamente preocupante, da debilitação, carência ou ausência de oração. Como o primeiro, este é também um fenômeno, isto é, uma realidade que salta aos olhos, que se manifesta tão ao nosso alcance que é impossível negá-la. Estas cousas dificilmente se deixam colocar em estatísticas. Todavia, em base a uma longa e atenta observação de vários anos, ao depoimento de pessoas sensíveis à questão e competentes sobre ela e à extensão e multiplicidade de países, ambientes, grupos e indivíduos tomados como indicadores nesta análise, creio não errar se disser que um grande número e talvez a maioria de leigos, religiosos e sacerdotes na Igreja simplesmente não reza ou, mesmo, quando ainda "reza", não ora. Esta afirmação é bastante séria e exige maiores esclarecimentos.

No caso de muitos religiosos e sacerdotes, houve, primeiro, um abandono das chamadas práticas ou cousas espirituais, tradicionalmente por eles observadas, nos quadros de uma vida religiosa reclusa e uniformemente estruturada. Sem querer avaliá-las internamente no seu teor de oração, propriamente dito, elas pareciam responder, pelo menos na maioria dos casos, a um tipo de vida reservado e distante em

relação ao contexto externo de pessoas e situações. Mesmo quando as pessoas estavam imersas no trabalho paroquial, escolar, hospitalar, assistencial, etc., havia todo um arcabouço de defesas, identificações, modos de agir, que eram efetivamente protetores. Por outro lado, uma sociedade menos pluralista e secular e, por vezes, fortemente homogênea do ponto de vista cristão, não suscitava maiores desafios ou problemas. A transformação deste contexto e sua substituição por um novo tipo de realidade ambiental que expõe muito mais indivíduos e comunidades à interação constante e não raro profunda com pessoas e situações quotidianas, revelou rapidamente a inadequação daquele tipo de oração. No entanto, se a modificação no estilo de vida foi relativamente acelerada pelo seu tardio aparecimento e urgente necessidade, a transformação no estilo de oração foi muito mais lenta e hesitante e, certamente, menos eficaz. O resultado, para muitos, foi o progressivo abandono daquela oração, pelo menos nos moldes em que era vazada, e a sua não substituição por uma oração realmente capaz de alimentar o novo modo de vida e de atender às suas exigências.

No caso dos leigos, há algo de parecido e paralelo. Houve rapidamente, por orientação de sacerdotes e religiosos, um colapso de uma série de práticas e estruturas devocionais, em geral de expressão vocal. Os fiéis não foram, porém, introduzidos tempestiva e pedagogicamente em algum outro tipo de oração que lhes respondesse às neces-

sidades espirituais face à realidade. E quando o foram, não raro não se lhes deu tempo psicológico para a transição de modos de orar, diuturna e inconscientemente sedimentados, a novas modalidades que iam para além de meros requisitos metodológicos. Refiro-me aqui, como no caso dos religiosos e sacerdotes acima, ao que poderíamos chamar a tônica dominante. Já mencionei, na primeira parte, a existência concomitante e paralela de todo um surto renovador da oração. Parece-me, porém, que, embora manifesto e significativo, ele não pode ser descrito como preponderante quando se considera a totalidade do povo de Deus e mais ainda o das áreas urbanas.

Há uma outra face desta debilitação na oração. De uma vida balizada com regularidade em termos de tempo e de espaço e vivida quase exclusivamente dentro dos muros das próprias instituições, os religiosos, premidos por uma urgente tomada de consciência de sua missão em relação aos outros, se lançaram a novas fronteiras apostólicas. Maiores demandas por parte das Igrejas locais, abertura e disponibilidade de horários e espaços ociosos em suas casas, empenhando duas ou três vezes mais as mesmas pessoas, acumulação de funções em consequência da redução de quadros, tudo isto e outros fatores ainda resultaram na absorção de muitos por um trabalho imenso e não raro extenuante, que passou a devorar-lhes inteiramente os dias. Na impossibilidade já de um tempo regular para a oração diária, surgiram os "tempos fortes" de oração.

Algo durante a semana, uma que outra noite, se possível, mas, sobretudo, os fins de semana. O excesso de trabalho e de responsabilidades, porém, não só consumia o tempo, mas principalmente minava as energias. Assim, muitas vezes, esforços heroicos por manter os tempos fortes de oração no fim de semana ou eram insensível e involuntariamente esvaziados por uma natureza exausta e carente de um repouso mínimo ou tornadas impossíveis por tarefas pastorais, coincidentes precisamente com o fim de semana. Pouco a pouco, pois, um enfraquecimento dos tempos fortes conduziu, de fato, à perda habitual do ritmo de oração.

Desenvolveu-se uma espécie de sucedâneo, em uso, aliás, há mais tempo e em outras circunstâncias. A tentativa sincera de assumir como oração boa parte da necessária preparação ou execução dos próprios trabalhos, sobretudo quando eles eram de conteúdo religioso.

Um aspecto desta tendência, por exemplo, se caracterizou pelo crescente uso da "leitura meditada", por si mesma, ou em ordem à preparação de homilias, encontros, aulas, retiros, etc. A experiência de muitos, seriamente empenhados nesta espécie de desejada compensação, revela que uma leitura pura e simples e, às vezes, premida pelo tempo, acabou prevalecendo sobre a leitura meditada. Em todo o caso, uma ou outra raramente conduzia a verdadeira oração.

Outra modalidade se seguiu naturalmente dos desafios, perguntas, dificuldades e dúvidas procedentes das novas tarefas pastorais e do con-

tato despreparado com uma sociedade questionante e exigente. Uma escassa formação teológica, sobretudo no caso de muitas religiosas e alguns irmãos, ou uma teologia superada ou inadequada aos novos problemas, no caso dos sacerdotes, tornou urgente toda forma de reciclagem e atualização, no esforço de obter ou recuperar cultura bíblica e teológica. Muito do conteúdo de oração passou a ser, pois, busca de informação ou clareza intelectual, sentidos precisos de passagens complexas da Escritura, leitura ou reflexão a respeito, fundamentação doutrinal de conteúdos de fé, aceitos antes sem maior problema. Isto tornou mais imperioso, quanto coincidiu no tempo com todo um surto de reformulações bíblicas, cristológicas e eclesiológicas numa vasta produção teológica, destilada com sensação ao grande público pelos canais da informação de massa: jornais, rádio, revistas e TV.

Uma forma bem mais sutil do enfraquecimento da oração surgiu pelo lado de uma justificação racional da não necessidade de oração explícita. Digo "sutil" porque ela se baseava sobre pressupostos em princípio válidos. Refiro-me à progressiva e quase sistemática substituição, na oração, do lugar de Deus pelo lugar dos homens. Se, em outros tempos, este foi totalmente sacrificado àquele e tornou tão individualista, irreal e alienada a oração, agora, a insistência se fazia quase exclusiva sobre a oração voltada para as necessidades do próximo, através do qual se encontraria Deus. E este ponto é certamen-

te válido (Mt 23) desde que não pretenda ser exclusivo. Tornando-se unilateral, ele pouco a pouco esvazia a oração do seu necessário conteúdo de transcendência e da insubstituível abertura para ela.

Dificultada a oração individual, tentou-se, em muitos ambientes, e de novo responsabilmente, suprir a deficiência da oração individual pelo apoio da oração em comunidade. Como já sublinhei, muito deste esforço, quando superou a barreira formal de meras orações recitadas em comum, resultou em notável aprimoramento de uma oração em comunidade que aprofundou o conhecimento mútuo e os laços fraternos entre os membros de um determinado grupo humano. Mais do que isso, levou não raro o grupo todo a se colocar diante de Deus, quando de opções de maior alcance para os indivíduos como para o conjunto. Mas, não há dúvida de que, como é depoimento freqüente, muito da "oração comunitária", por falta de tempo ou outras razões, degenerou em leitura de algum texto não preparado nem rezado antes por ninguém e de uma reflexão certamente útil, mas não conducente, na verdade, a uma autêntica partilha dos dons do Senhor na oração. Neste contexto, caberia recordar ainda não poucas orações em comunidade transformadas em trampolins de manipulação de idéias, entroncamentos velados de discussões, manifestações de opiniões, veículos de ideologia, etc.

Nada menos oração do que a "oração tribuna", onde assomam sempre os mesmos oradores. Literalmente eles "deitam falação" so-

bre este pobre grupo, emudecido e intimidado por sua facúndia ou suas convicções. Para estas pessoas que assim "conduzem o espetáculo", nada mais terrível e intolerável do que o silêncio. Nada mais incômodo do que os que falam pouco, não sintonizam ou expressam mal o que eles, "oradores orantes", seriam capazes de dizer tão bem. É assim que, insensivelmente ou, às vezes, intencionalmente, acabam falando sozinhos ou fazendo a ciranda de alguns poucos que se entendem e "sabem das coisas" mas, sobretudo, sabem o que querem.

Pervadindo todas estas diversas formas de debilitação ou mesmo carência e ausência de oração, ainda quando sobrevivente o empenho em rezar, o que encontramos é uma lenta e insensível erosão do efetivo sentido da presença de Deus em nossa vida, como vivo interlocutor nosso, de indivíduos e de comunidades. E, daí, a perda também de sintonia com os critérios de Deus e, portanto, da possibilidade de atinar com o que Deus quer, para nós e para nossos irmãos. Isto explica, em parte, o fracasso e frustração de muitos processos de discernimento pessoal ou comunitário, nos quais se consumiram honestamente horas ou dias de busca e de "oração". Houve, não raro, o preenchimento das condições metodológicas do discernimento. Houve, inclusive, uma sincera boa vontade, mas faltou o requisito fundamental para ele: a liberdade interior. Ela não é resultado de um esforço ou disposição nossos, mas é inteiramente dom gratuito de Deus e dom que Ele realmente concede só na verdadeira

e autêntica oração. A falta deste componente reduziu processos de discernimento a um mero exercício lógico ou logístico de possibilidades e alternativas, ponderadas e julgadas, seria e responsabilmente, mas tão só à luz dos critérios da sabedoria e informação humana disponível entre os participantes. O que ao termo do processo foi apresentado como "vontade de Deus" revelou-se, não raro, precário, antes mesmo de ser posto em prática ou frágil e inconsistente aos olhos de quem buscasse a contextura mais profunda das reais motivações.

Este panorama poderia ser ainda muito mais pormenorizado e certamente documentado com inúmeros exemplos concretos das mais variadas latitudes. Porque, de fato, trata-se de um fenômeno amplamente difundido no mundo. Creio que os leitores, como eu, se terão encontrado como pessoas ou membros de comunidades, em mais de um dos quadros acima descritos.

Não é o caso de adensar a descrição do fenômeno, o que pode ser facilmente levado adiante por qualquer um de nós.

O importante para todos, porém, é dar-nos conta de que estamos diante de um problema grave e urgente e que não é de fácil solução. Sobretudo, não é de solução restrita a nossos esforços e decisões. Pelo contrário, o nervo mesmo da solução é da iniciativa de Deus e toda eficácia nela só nos pode vir dele. Mas, se Ele mantém aberto o caminho para resolver o problema da debilitação, carência ou ausência de oração, individual e comunitária, em que nos encontramos, nada se fará sem nós e sem uma generosa disponibilidade a corresponder ao que Ele realmente nos pede. E o que Ele pede é uma resposta efetiva de nossa parte ao seu convite, para encontrar-nos pessoalmente, como indivíduos ou comunidades, numa verdadeira oração.

# CAMINHO DE INTERIORIDADE

*“Se tiver de falar com alguém, lembre-se de que possui, dentro de si mesmo, com quem se entreter. Se tiver de ouvir outras pessoas, preste atenção a uma voz que lhe fala de mais perto”.*

**Frei Carlos Noyen, OCD**  
Kortryk, Bélgica

Teresa de Ávila viveu num tempo de renovação e conscientização. Seu ano de nascimento (1513) quase coincide com o clamor de Lutero por uma Igreja autêntica e uma integral vivência de fé. Na própria Espanha se desencadeou uma verdadeira revolução marcada pelo reflorescimento de muitos conventos, impulsionados, sobretudo, pelo Mosteiro de Montserrat, hoje atração turística na Península Ibérica.

Um dos pontos mais importantes dessa renovação constituiu a introdução, nos horários dos conventos, de tempos determinados de oração. Com efeito, a “lei do tempo” é muitas vezes decisiva no que toca ao crescimento espiritual do homem: somente se atingem determinadas profundezas da vida de fé através de treinamento perseverante ao longo dos anos. Apenas quem continua caminhando contra tempo

e vento descobrirá inimaginados horizontes, que justificam todos os esforços. O paciente cavar cotidianamente, em busca da água viva, fará com que um dia a fonte se abra para nós. No nosso tempo, em que se reclamam resultados imediatos, no sentido de viver de impulsos e sentimentos do momento, fidelidade e perseverança constituem tarefas particularmente exigentes.

Também na época de Teresa se ressentia a falta de “métodos de oração”, capazes de “preencher” os tempos fixos a ela dedicados. Foram, assim, surgindo várias formas de “meditação”, que pouco a pouco entraram em voga. Teresa descreve uma delas na sua última obra, **O CASTELO INTERIOR**:

“Chamo meditação ao discorrer muito o entendimento desta maneira: começamos a pensar na graça que Deus nos fez em nos dar seu

único Filho, não parando aí, mas indo adiante aos mistérios de toda a sua gloriosa vida. Ou começamos na oração do Horto, sem parar o intelecto até estar pregado na Cruz. Ou tomamos um passo da Paixão — como a prisão — e andamos nesse mistério considerando, por detalhes, as coisas que há para se pensar nele e para se sentir, como a traição de Judas, a fuga dos apóstolos, e tudo mais. É admirável e muito meritória oração”, (CI, VI Morada, 10)(1).

Como vemos, Teresa se pronuncia de forma respeitosa sobre esse método pois, de fato, é necessário alimentar nossa fé com as palavras e o exemplo do próprio Jesus. Crer, ser cristão significa assemelhar-se, cada vez mais, a Ele, pois quem ama procura conhecer melhor o outro.

Confessa ela também, no entanto, sempre ter experimentado muita dificuldade em seguir tal método, afirmando: “Em coisas do céu e em coisas sublimes, era meu entendimento tão grosseiro, que jamais as pude imaginar, até que — por outro modo — o Senhor as representou para mim” (LV — IX,5).

Qual seria esse “outro modo”, esse outro caminho? Teresa refere-se a ele claramente, ao narrar a própria vida, situando-lhe a descoberta nos princípios de sua própria experiência como religiosa. Através da leitura do livro de Osuna — o Terceiro Abecedário — feita durante uma breve estada em casa de um tio, percebera o “outro caminho” que a conduziu de imediato a um momento de encontro com

Deus (2). Ela anota: “Procurava, o mais que podia, trazer Jesus Cristo, nosso Bem e Senhor, presente dentro de mim. Este era o meu modo de oração: se pensava em alguma passagem (do Evangelho), representava-a no interior (...) Deus não me deu talento para discorrer com o intelecto nem para me aproveitar da imaginação. Tenho-a tão entorpecida que até pensar e representar, a fim de trazê-la em mim — como procurava — a imagem do Senhor, não conseguia” (LV — IV,8).

Teresa não se sentia capaz de pensar a respeito de Deus ou a respeito de Cristo — na oração queria ela estar com Ele, amando-o no fundo de seu coração. A partir do contacto com a obra de Osuna intui ela algo do próprio caminho, tão diferente do refletir detalhado da meditação. Seu gênio efetivo e espontâneo não se entusiasma facilmente com a reflexão clara e lógica feita “à distância”. Desde que foi tocada pelo amor de Deus, a oração se torna para ela um caminho de amorosa interioridade.

Percebe, entretanto, com senso de realismo, que também neste caminho existem dificuldades: não podemos apoiar-nos muito na inteligência e na imaginação, tudo deve provir do amor (LV — IX,5). Por isso se preocupa em apresentar um método de interiorização, com base na própria experiência, enriquecida, sobretudo após sua “segunda conversão”, pela torrente de graças místicas, nas quais o próprio Deus, que a atraía, lhe indicou o rumo a tomar.

## 1. "INDICAÇÕES" OU "MÉTODO"?

De forma particular, o "Caminho de Perfeição" é um manual sobre o caminho de interioridade. Nesta obra, Teresa fornece muitas indicações, a fim de ensinar a rezar. Mas não o faz sistematicamente. Por isso não se trata de um "método" propriamente dito, mas antes de dados sobre a rota a seguir. Quem lê com atenção seus textos, descobre, sob a poeira de determinadas expressões, conselhos muito oportunos e atuais.

Penetrar nesses conselhos, aprofundando na maneira de rezar de Teresa, é o que tentaremos fazer, procurando sintetizar e ordenar os diversos passos, a fim de ajudar aqueles que tomem seus escritos a melhor compreendê-los, embora o façamos sem o charme próprio da autora.

### **O primeiro passo: comece conscientemente!**

"A primeira coisa, já se sabe, é fazer o sinal da cruz, examinar a consciência e depois dizer a Confissão (rezar o "Eu, pecador"). Logo em seguida (...) procurai achar companhia, pois estais sós. É que melhor companhia que a do próprio Mestre? (...) Fazei de conta que tendes o próprio Senhor junto de vós e vede com que amor e humildade vos está ensinando. (...) Não podereis (...) afastá-lo de vosso lado, e ele nunca vos faltará. (...) É pouco ter sempre tal amigo a vosso lado"? (CP — 26,11).

Teresa nos convida a começar nossa hora de oração com um mo-

mento de conscientização, uma vez que aquela é entendida como uma relação interpessoal. Rezar é encontrar. Todo encontro verdadeiro pede atenção. Iniciar de forma consciente é, muitas vezes, a única coisa que podemos fazer. O tempo de oração nos escapa freqüentemente: preocupações, cansaço, desânimo pesam sobre nós e nos fazem divagar, embora contra a vontade. Mas começar conscientemente está dentro de nossas possibilidades. Podemos e temos de fazê-lo.

Muitas vezes o desenrolar de toda a oração depende desses primeiros instantes. O Senhor espera de nós este pequeno sinal de boa vontade. É como Teresa diz: "Não vos peço agora que vos concentrais nele, formando muitos conceitos, nem que façais com a mente altas e delicadas considerações. Só vos peço que o olheis ainda de relance..." (CP — 26,3).

Teresa se distancia claramente da meditação intelectual. Em primeiro lugar deve vir o amor. Dar um sinal de amor está dentro das possibilidades de todos: um olhar para a cruz ou um fixar de olhos no sacrário expressa nosso desejo consciente de encontrar o Senhor. Deste modo evitamos a rotina e os formalismos. Começar bem é já ganhar pela metade. Mas não quer isso dizer que já se tenha percorrido todo o caminho.

### **O segundo passo: entrar em si**

Temos de aprender a achar esse Senhor, que procuramos conscientemente, no mais profundo de nosso ser. Amizade e amor pedem in-

timidade. Chegamos assim ao momento de “contemplar o Senhor dentro de nós” (CP — 26,8).

Esbarramos entretanto, aqui, com a maior dificuldade pois, desde que andamos “fora de casa”, é preciso muita habilidade para fazer “a alma voltar para casa” (CP — 26,10). Usando outra imagem de Teresa, nossa imaginação, nosso entendimento, nosso coração são como abelhas, que constantemente sugam as flores. No momento da oração, temos de chamá-las de volta à colméia, a fim de nos dirigirmos ao Senhor com todo o nosso ser (CP — 28,7).

Rezar exige, portanto, abnegação: não queremos ficar na superfície da vida, não queremos nos perder nas coisas e, assim, nos alienar do nosso mais profundo eu. Essa abnegação manifesta-se como uma abertura para valores transcendentais. Para Teresa, interiorização não é outra coisa senão orientar-se para Deus com toda a alma. Em outras palavras: o olhar, voltado para dentro, não pode chegar a um vazio ou se perder em nós mesmos. A psicologia moderna contaminou o termo “introversão” com um sentido doentio. Não, interiorização significa voltar-se para Deus, que nos atrai, no fundo de nós mesmos, para esse Senhor, que sabemos “junto de nós” (CP — 26,1) e procuramos “dentro de nós” (CP — 26,8). Interiorizar é tornar o amor mais íntimo, a ponto de esmaecer a delimitação exata do “eu” e do “tu”, como costuma ocorrer entre pessoas que se amam.

### **O terceiro passo: entreter-se na fé com o Senhor, presente em nós**

Este é o desejo de Teresa: no amor, estarmos com Aquele que nos pode encher o coração. “Deus está em toda parte — escreveu ela. (...) Por isso, diz Santo Agostinho que buscava o Senhor em muitas partes e veio a achá-lo dentro de si mesmo. Será de pouca importância para uma alma dissipada compreender esta verdade? (...) Não tem necessidade de clamar em altas vozes. Por baixinho que fale, está ele tão perto que sempre nos ouvirá. Para ir buscá-lo não precisa asas: basta pôr-se em solidão e olhá-lo dentro de si mesmo. Não estranhe tão bom hóspede” (CP — 28,2).

Estas últimas frases são muito significativas, pois mostram bem que interiorização não é sinônimo de fuga para o vazio, como acontece na meditação “zen”, mas o encontro com um hóspede interior.

A fim de nos conscientizarmos melhor, quanto a essa presença interior, ou para iniciar o movimento de entrar em si, podemos nos valer de um santinho, diz Teresa, ou da leitura de um livro. O amor anseia pela presença do outro, pelos sinais palpáveis dela, de forma concreta. O livro ou a imagem, todavia, podem apenas ajudar a nos dirigirmos à pessoa de Cristo ou ao Pai (às vezes Teresa se dirige a Jesus, outras ao Pai).

### **Manter a interioridade**

Esta é a parte mais importante do nosso esforço: a tentativa de

conservar a interioridade e a orientação de nosso ser para Deus, por um tempo mais demorado. Pode-se consegui-lo através de atos de fé e amor, que sustentam nossa atenção, quando rezamos. “Fale-lhe como a um Pai, com grande humildade. Peça-lhe como a um pai. Conte-lhe seus sofrimentos e implore remédio para eles, entendendo que não é digno de ser seu filho” (CP — 28,2). “O essencial é convencermo-nos de que, para falar a Deus, não há necessidade de gritar nem falar (...) Ele nos entenderá até por acenos” (CP — 29,6).

Em lugar de ‘refletir sobre’, Teresa propõe o ideal de ‘falar com’ o Senhor. Esta conversa se realiza no mais íntimo, a partir do coração. Nutriremos a interioridade por algum tempo, através de palavras simples, que expressem nosso amor e amizade, o que exige perseverança, devida à tendência para nos distrairmos constantemente. Com suavidade, vamos nos esforçando, no intuito de disciplinar aquela criança difícil que é a imaginação.

“Fazendo, se aprende”. A fim de trazer para o diálogo com o Senhor também a imaginação — essa criança que causa tanto aborrecimento — podemos usar uma passagem do Evangelho. Teresa gostava imensamente da que descreve a conversa de Jesus com a samaritana, junto do poço, bem como da história de Maria Madalena, quando visita o Senhor na casa de Simão, o fariseu. Seja qual for o trecho escolhido, pode ele se tornar o ponto de apoio da atenção interior. Teresa escreve:

“Ponhamo-nos a pensar numa passagem da Paixão, digamos, a de quando o Senhor estava atado à coluna (...) é bom discorrer um pouco e pensar nas penas que ali teve e por que as teve e quem é aquele que as teve e o amor com que as suportou. Mas não se canse em andar sempre a buscar isto (ou seja, belos pensamentos), antes se deixe ficar ali, com Ele, aquietada a inteligência. Se puder, ocupe-a em ver que o Senhor a olha, e acompanhe-o, e fale, e peça, e humilhe-se, e alegre-se com Ele...” (LV — 13,22).

Assim se pode manter a intimidade com o Senhor, usando um simples pensamento ou imagem: eu estou sentado aos pés de Jesus, junto do poço; eu o escuto aqui, como Maria Madalena. Pois não resta dúvida de que a meta da oração é atingir um amor muito pessoal com o Senhor. Ao comentar o primeiro grau de oração, já observava Teresa: “chego-me, pois, a este Mestre de Sabedoria (...)” (CP — 21,4). Estar com Aquele que nos toca no mais íntimo — eis o seu desejo.

Apresentamos até aqui uma análise sucinta do método de interiorização de Teresa, que pode dar a impressão de ser, como outros, uma forma complicada de rezar. Não é verdade. Teresa responderia a essa objeção com muita simplicidade: “Não conseguia raciocinar abstratamente sobre Deus ou Cristo. Tentava, por isso, na minha oração, me compenetrar da proximidade divina, orientar-me, com toda a minha pessoa, para Aquele que habita em meu coração, e simplesmente conversar com Ele, estar com Ele”.

Teresa descobriu esse caminho sobretudo pelas graças místicas com que foi agraciada, as quais lhe abriram as fronteiras para o interior. Partindo de uma saudade destes momentos de profunda intimidade com o Senhor, ela se lançou à busca de uma forma de interiorização

## 2. INTERIORIZAÇÃO COM O PAI NOSSO

Ainda no **Caminho de Perfeição**, Teresa confessa: "Durante toda a minha vida afeiçoei-me às palavras do Evangelho. Elas me recolhem mais que os melhores livros" (CP — 21,4). Pelo contexto se depreende que as "palavras do Evangelho" são as do Pai Nosso, com cuja ajuda Teresa procurava interiorizar-se, já que ela mesma nos assegura, com convicção: "Se nossa frágil natureza não estivesse já tão debilitada e nossa devoção tão tibia, não haveria necessidade de outros livros, nem de outros modos de oração" (CP — 21,3). E prossegue: "Dirijo-me particularmente às almas incapazes de se recolherem (...) Assim, pareceu-me conveniente tomar por base o Pai Nosso, para explicar uns princípios, meios e fins que poderão servir para a oração, sem me deter em coisas elevadas" (CP — 21,3).

Teresa conta então o caso de uma religiosa, que se sentia incapaz de meditar, seguindo os métodos existentes. Pedindo que lhe descrevesse o seu modo de rezar, a irmã lhe responde que recitava algumas vezes o Pai Nosso e mais algumas outras orações. Se não fazia assim, então ficava numa completa distração. Ajuntou ainda mais esclareci-

capaz de melhor dispô-la à ação de Deus, nos períodos misticamente não agraciados.

Que essa interiorização nada tem a ver com métodos complicados, pode-se facilmente comprovar a partir de outros textos teresianos.

mentos, pelo que pôde a santa perceber como havia ela chegado, através da oração vocal, à "pura contemplação" (isto é, à oração mística). Conclui Teresa, com ligeira malícia: "Ora, se isto é verdade, como é, não julgueis — vós que vos dizeis inimigos dos contemplativos que estais livres de o ser, se rezardes vossas orações vocais como devem ser rezadas e se guardardes pura a consciência" (OP — 30,7).

De fato — Teresa acredita que o erro de muitos está justamente em considerar a oração interior como algo puramente espiritual, um silêncio total, um estar radicalmente vazio (quantas vezes, hoje em dia, não escutamos essa mesma teoria?). Sua posição é bem mais humana e revela bom senso: "Ficai sabendo que não é o fato de ter cerrada ou aberta a boca que faz a oração ser mental (interior) ou não. Se, enquanto digo uma prece, estou vendo e entendendo bem que falo com Deus, com atenção nas palavras que pronuncio, juntas estão a oração mental e a vocal" (CP — 22,11).

Em outros termos: o simples ato de rezar o Pai Nosso nos pode levar à presença de Deus, bem como,

através dele, teremos uma visão acertada do método teresiano da interiorização.

É óbvio que, ao rezar tranquilamente o Pai Nosso, não há necessidade de se esforçar demasiadamente para pensar em Deus, pois esta também não foi a preocupação de Jesus na sua oração! Começamos logo com a evocação direta e consciente: nosso Pai. Desde esse primeiro instante, nossa atenção se dirige para alguém que consideramos como um pai, cuja diligência experimentamos muitas vezes na vida. Há também um apelo a nosso 'sentimento', uma vez que somos convidados a nos colocar diante de Deus em atitude de criança, sem necessidade de fatigar muito a inteligência, na busca incessante de pensamentos adequados. A própria palavra **Pai** evoca uma série de associações, como 'criança', 'segurança', 'ternura', 'desvelo'. Nossa imaginação se concentra nessas palavras conhecidas e, assim ocupada, divaga menos.

Dessa forma se pode compreender como a interioridade, proposta por Teresa, é muito concreta e, ao mesmo tempo, extremamente simples: começar conscientemente; interiorizar ou recolher as faculdades (inteligência, imaginação, sentidos); voltar-se para Deus e dialogar com Cristo ou com o Pai. Tudo realizado num único ato, que pode ser espontâneo e não se prende a um método inflexível. Como Jesus, tentamos nos dirigir ao Pai. A oração se desenvolve, assim, num ambiente de amor e confiança.

Terminada cada prece ou pedido, devemos parar um pouco, não pa-

ra raciocinar a respeito das palavras, mas para saborear e sentir sua profundidade. Como propõe Santo Inácio de Loyola nos seus **Exercícios Espirituais**, "não pelo muito conhecimento se nutre e satisfaz a alma, mas por sentir e saborear interiormente as coisas".

Por isso nos devemos deter um pouco naquelas admiráveis palavras: "que estais no céu". Sem muito malabarismo de idéias, surgem, quase que espontaneamente, pensamentos que nos alimentam e sustentam: "no céu", tão diferente de nós, mais feliz, melhor, repleto de luz. Invocamos então esse Pai como o santo, e sentimos necessidade de renovação; rezamos por seu Reino, de forma bem concreta, pedindo um pouco mais de amor na comunidade, na família, no ambiente de trabalho; procuramos auscultar sua vontade na nossa vida, na situação em que nos encontramos; pedimos o pão cotidiano, isto é, aquilo de que precisamos para ser felizes; enfim, nos conscientizamos de que Ele é pura misericórdia...

Esponaneamente virão à superfície sentimentos interiores de confiança, expressos de coração ("sou vosso filho"), ou de respeito ("tornai puro meu coração"), ou de entrega ("ajudai-me a fazer vossa vontade"). Assim caminhamos passo a passo, com ou sem comentário pessoal. O importante é pronunciarmos essas palavras muito calmamente, em silêncio interior, fazendo-as ressoar no coração e na alma.

A fórmula fixa e conhecida torna-se, assim, um ponto de apoio para a inteligência e a imaginação. Es-

ta última fica sob controle, enquanto a inteligência se aquieta, em virtude da substituição do raciocinar por palavras que lhe são apresentadas. Também as cordas de vários sentimentos são tocadas: arrependimento, confiança, etc. Há além disso, alteração nas colocações e atitudes correspondentes. Pessoas com reduzida faculdade de concentração podem desta maneira, seguir o caminho da interioridade. Com exercício e paciência se é capaz de atingir uma profundidade onde, paulatinamente, se perceberá a presença atuante do Senhor.

Tal maneira de rezar — através de textos conhecidos — pode tornar-se impessoal, havendo o perigo de se ficar no mesmo lugar, sem avançar no caminho para dentro. Por isso é recomendável o desenvolvimento de um mínimo de criatividade, que nos faça rezar conscientemente, ou seja, as palavras conhecidas devem ser preenchidas com um novo conteúdo, com nossa própria experiência de vida. A palavra “pai”, por exemplo, ressoa diferente se ainda somos jovens, ou se já nos curvamos sob o peso dos anos. Muitas orações conhecidas podem revestir de novidade, quando as mergulhamos no silêncio e de lá as retomamos, como preciosas pérolas. Uma mesma obra de Beethoven poderá ser interpretada de maneiras diversas: um pianista não reproduz servilmente a partitura que lhe é apresentada, mas revive a própria inspiração do compositor, recria a peça, reanima-a por dentro.

Uma questão poderia ser posta: até que ponto seria importante a influência de Inácio de Loyola, no

entusiasmo de Teresa pela recitação do Pai Nosso? Não seria impossível admitir o influxo, uma vez que nutria Teresa grande admiração pelos primeiros jesuítas, entre os quais buscou muitos de seus diretores espirituais (como Francisco de Borja, também canonizado). Levantamos a questão a fim de lembrar como Inácio relaciona a recitação do Pai Nosso com a respiração (há novidade debaixo do Sol?). Neste ato, segundo o santo, uma vez se dá atenção especial ao significado das palavras, outra vez à pessoa a quem se dirige, outras à própria situação. A combinação do ritmo físico e espiritual faz com que a oração se torne tão natural quanto a respiração, interiorizando-a até atingir aquela profundidade misteriosa, onde recebemos a respiração da vida.

Também nesse caso não se dispensa a perseverança, pois sempre de novo surge a tendência para divagar e sonhar, exigindo que retomemos, muitas vezes, o fio da oração. O repetido movimento de interiorização e a orientação para dentro acabará por se tornar, aos poucos, uma atitude interior, quando não mais apenas dizemos “sou vosso filho”, mas nos conscientizamos interiormente dessa verdade e a experimentamos concretamente no dia-a-dia. Os momentos de silêncio interiorizante, após certo tempo, se tornam maiores e mais ricos, porque algo começa a viver em nós. Experimenta-se uma plenificação, que faz com que nos sintamos “em casa”, na companhia do Senhor, “compenetrados de sua presença, do prazer que tem em estar conosco”.

co e do desejo que tem de nos atender. Não é preciso quebrarmos a cabeça para lhe falar longamente.

O Senhor ensina esse modo de oração aos que o ignoram" (CP — 29, 6-7).

### 3. VIVER EM INTERIORIDADE AMOROSA

Cumpra observar que Teresa não nos fornece um método que garanta "sucesso na oração", algo como um bastãozinho mágico, que faz desaparecer todos os problemas. As graças místicas, que lhe foram concedidas, convenceram-na profundamente de que fé e oração são um encontro com alguém que nos ama, pelo que devemos orientar toda nossa vida para o Senhor. Mas como? Escrevendo páginas encorajadoras, Teresa não deixa de chamar a atenção para as exigências do caminho de interioridade, como o faz em sua **Autobiografia**: "quando a alma ama realmente, na própria enfermidade e outros sofrimentos está a verdadeira oração, no oferecer aquilo e lembrar-se por quem sofre, e conformar-se com isso (...). Aqui exercita o amor, pois não implica que haja oração só quando há momentos de solidão não o sendo os demais. Com um pouquinho de cuidado, grandes bens se encontram quando, com trabalhos, o Senhor nos tira o tempo da oração (...)" (LV — 7,12).

É deveras importante, nesse trecho, a observação da autora sobre "a alma que ama". De fato, viver em profundidade exige o treinamento do amor. Assim trilharemos, com maior facilidade, o caminho de interioridade amorosa. A interiorização sem amor torna-se sempre uma fuga do próprio eu.

A fim de reavivar esse amor, seria bom introduzirem-se, no decorso do dia, alguns breves momentos de interiorização. As oportunidades surgirão naturalmente: ao esperar alguém; ao iniciar um novo trabalho ou tarefa; antes ou depois de um encontro; mesmo durante o desempenho de uma atividade poderemos, de vez em quando, dirigir nosso coração conscientemente ao Senhor.

Teresa nos dá uma sugestão que, apesar de à primeira vista parecer estranha, contém muita sabedoria: "utilizar os próprios sentidos para a vida interior". Descreve ela as diversas situações: "Se tiver de falar com alguém, procure lembrar-se de que possui, dentro de si mesmo, com quem se entreter. Se tiver de ouvir outras pessoas, preste atenção a uma voz que lhe fala de mais perto. Em suma, esteja persuadido de que, se quiser, poderá estar sempre na ótima convivência de seu Deus. Tenha pesar quando acontecer deixar sozinho, por muito tempo, a esse bom Pai, lembrando-se da necessidade que tem dele. Se puder, pense nele muitas vezes ao longo do dia. Se não for muitas vezes, que seja ao menos poucas" (CP — 29,7).

O caminho de interioridade, entretanto, supõe certo clima de vida que favoreça a interiorização. Nosso mundo agitado e baseado na pro-

dução não contribui muito para isso, ao que se soma a visão distorcida que muitos ainda têm da interioridade. No seu romance *Irmã Virgília*, por exemplo, o escritor belga G. Walschap descreve o retrato da noviça Virgília: ela anda solenemente pelos corredores do convento, a cabeça baixa, um olhar que não atinge além do tamanho de um esquite. Assim lhe aconselhara sua superiora, garantindo que faria muito progresso na oração, com este método para "interiorizar-se". À noite, todavia, ela constatava que sua oração ficara cheia de divagações: por sua mente desfiliavam, sem cessar, os calcanhares e meias furadas de suas co-irmãs — mais ela não tinha visto durante o dia!

Pelo contrário, Teresa de Ávila provou, com seus livros e suas fun-

dações, que a interioridade não se opõe ao serviço do outro. Ela trabalhou intensamente e conviveu com muitas pessoas, sem considerar isso como um afastamento do Senhor. Podia perceber sua presença em todo lugar, justamente em virtude dos muitos anos que permanecera mergulhada no silêncio. Sabendo da importância dele é que procurava, durante suas numerosas viagens pela Espanha, manter consigo o ambiente de cela conventual.

Curioso. Reclama-se intensamente, hoje, contra o desequilíbrio ecológico e a poluição. Pede-se insistentemente menos barulho, mais silêncio. Ainda, pois, que de um ponto de vista meramente humano, o clima de interioridade já será um enorme benefício para o homem contemporâneo.

## NOTAS

(1) As citações de Santa Teresa trazem a citação abreviada da obra de onde foram tiradas, a saber: LV = **Livro da Vida** (Autobiografia). CP = **Caminho da Perfeição**. CI = **Castelo Interior**. (2) Cf. o primeiro artigo desta série, publicado em *CONVERGÊNCIA*, nº 119, janeiro/fevereiro de 1979, páginas 21-29.

## OBSERVAÇÃO

**Fonte:** Revista "Innerlijk Leven", nº 32-36 (nov./dez. de 1978). Edição do Centro de Estudos Carmelitanos, Bélgica. Título do artigo original: **De Weg van de Inkeer**, páginas 407-421. As ci-

tações de Santa Teresa foram tomadas, no que se refere ao **Castelo Interior** e ao **Livro da Vida**, da edição portuguesa das *Obras Completas de Santa Teresa de Jesus*, Porto. Carmelo do Imaculado Coração de Maria, 1970 (com algumas adaptações quanto à linguagem). Os trechos do **Caminho da Perfeição** foram transcritos da tradução revista das *Carmelitas do Rio de Janeiro*, Edições Paulinas, 1977.

**Tradução e reelaboração** de Frater Henrique Cristiano van der Maat, CFMM e Jacyntho José Lins Brandão, com participação e incentivo das monjas do Carmelo de Nossa Senhora Aparecida, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

# A EDUCAÇÃO, MEIO DE EVANGELIZAÇÃO

*Puebla representou um grande avanço em relação a Medellín, sobretudo ao esclarecer o método para a libertação. Toda libertação cristã deve levar à Comunhão e à Participação.*

**Dom Tomás González, SDB**

Punta Arenas, Chile

Este trabalho consiste numa visita d'olhos rápida sobre o Documento de Puebla exatamente no que se refere à "educação". O que este Documento apresenta em relação à educação encontra-se no 3º Capítulo. Anteriormente, denominava-se 3º núcleo e tinha o título de "Meios para a comunhão e a participação". Meios, não no sentido comum da palavra, mas no sentido teológico, assim como os sacramentos são meios de salvação. O título indica um dos modos através dos quais se pode evangelizar.

Puebla aponta, neste capítulo, cinco meios para a Comunhão e a Participação. A Oração, a liturgia e a piedade popular. Os três foram colocados juntos, porque são três expressões da Comunhão com o Senhor e com os irmãos. A Catequese. Incluindo tudo o que ela significa, como síntese entre "conheci-

mento da Palavra de Deus, celebração da Fé nos sacramentos e testemunho" (999). **Educação** — de que falaremos mais extensamente. **Comunicação Social**. Abrangendo tudo o que diz respeito à transmissão da mensagem através dos meios de comunicação.

Como dado anedótico, posso dizer-lhes que Puebla talvez tenha sido o momento em que mais se experimentou a ausência da Igreja na evangelização dos comunicadores sociais e, ao mesmo tempo, o momento em que se percebeu como a Igreja ainda está longe de possuir uma linguagem que seja comunicável de forma ágil, rápida e amena. Havia em Puebla, principalmente nos dias de visita do Papa, milhares e milhares de jornalistas que perguntavam, na maioria dos casos, coisas muito superficiais.

A várias pessoas já tive oportunidade de contar que o auge da superficialidade foi atingido na véspera da chegada do Papa a Puebla. As perguntas dos jornalistas giravam em torno do seguinte: onde ia o Papa rezar a missa, onde ia descansar, que cardápio iria comer, etc., etc. E, no dia seguinte à visita, sai como manchete no **Diário de Puebla**: "O Papa vai usar água-de-colônia francesa". E isto porque haviam visto água-de-colônia francesa sobre uma das mesas.

Mesmo nas conferências da imprensa, percebia-se, em grande parte, a ignorância dos jornalistas quanto ao que são a Igreja e a evangelização. Isto significa que faltam cristãos' engajados que assumam o jornalismo como vocação.

Pensemos de que maneira nos é possível entusiasmar a juventude, para que assumam este serviço tão importante na Igreja, como seja a comunicação. Os jornalistas geralmente perguntavam as coisas mais fúteis: É verdade que tal comissão ou tal bispo, não está de acordo com aquele bispo ali?

Por outro lado, constatávamos a nossa incapacidade, — a incapacidade

de nós, pastores —, de traduzir a mensagem numa linguagem agradável. Os jornalistas comentavam que só havia sermões. Por exemplo: Como tornar presente a pessoa de Jesus Cristo de maneira dinâmica, agradável e eficiente? De fato, isto é coisa que não estamos capacitados para fazer.

O caso é que nós, pastores, também precisaríamos de fazer um curso de meios de comunicação social, porque estamos muito "descomunicados" com o mundo. Creio que esta foi uma das experiências de Puebla que mais profundamente nos tocaram.

A educação — meio de evangelização — está exposta em três partes segundo o método habitual de Puebla:

1º) A situação da Educação na América Latina.

2º) Os princípios e critérios.

3º) As sugestões pastorais.

Todo o esquema de Puebla é assim elaborado: **VER**: A situação da América Latina. **JULGAR**: Estabelecer um marco doutrinal, partindo dos conteúdos da evangelização. **AGIR**: As opções pastorais.

## 1. A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Apresenta-se, primeiramente, um quadro de situações e enumeram-se algumas das mais importantes.

**1.1.** A educação desenvolve-se numa situação de mudanças sócio-culturais. É preciso analisar bem o que é a nova sociedade latino-ame-

ricana e o interesse pela cultura do homem latino-americano.

Esta preocupação constitui uma das originalidades de Puebla. As mudanças profundas que o homem latino-americano tem experimentado obrigam-nos a estudar o contex-

to em que se desenvolvem tais mudanças, a fim de poder educá-lo assumindo-as tais quais são.

**1.2.** O grande crescimento demográfico por que passa a América Latina, exceto em alguns países (sabe-se que os países que menos cresceram nos últimos anos são, em primeiro lugar, o Uruguai, e, em segundo, o Chile). O planejamento familiar adotado no Chile fez diminuir muito a população. O crescimento demográfico acelera a demanda educacional.

**1.3.** Aumentou a demanda educacional, com tudo o que isto acarreta: número maior de alunos, dificuldade de aprendizagem, nivelamento violento de todos os alunos, sem possibilidade de diferenciação, impossibilidade de acompanhamento pessoal, etc.

Corre-se, igualmente, o risco de perder o sentido de democratização no ensino. Tem-se notado maior empenho dos religiosos dedicados à educação, no sentido de renovação de sua presença como educadores.

Observou-se neles uma crise interior muito forte devida principalmente a dois fatores: não ver qual seja o sentido da escola na pastoral de conjunto e o elitismo de certos colégios. Por isso, os religiosos abandonaram esta presença educadora e foram buscar um tipo de pastoral junto ao povo.

Além disto, há um grande grupo de leigos que assumiram o papel de educadores como vocação dentro da Igreja, não simplesmente como meio de subsistência, porém como vocação eclesial. Oxalá chegue

a ser este um verdadeiro ministério eclesial confiado aos leigos.

**1.4. Ainda não existe na Igreja uma ação eclesial coordenada.**

Vê-se que a Pastoral Educacional não faz parte da pastoral de conjunto. São muito poucas as dioceses da América Latina onde existe um "vigário de pastoral educacional", onde há um departamento de educação e onde o bispo se interessa para que os colégios e escolas da Igreja sejam meios da pastoral de conjunto.

Isto se deve à grande crise da presença da Igreja na educação. Foram estes os quatro pontos incluídos no Documento de Puebla sobre o diagnóstico relativo à educação, e, aliás, os pontos mais originais.

## **2. OS PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS**

Primeiramente, parte-se de um princípio que se acha expresso no Documento do Vaticano II sobre a educação, e no último documento da Congregação para a Educação Católica, e que é o seguinte: A educação é uma atividade humana que pertence à ordem da cultura. Isto quer dizer que é uma atividade que nasce justamente do próprio ser da pessoa.

Tal atividade, por ser humana, deve crescer, já que tudo o que é humano, quanto mais humano se torna, mais se aproxima do cristão. Ela deve assumir, como trabalho central, a evangelização da cultura, a humanização da cultura, como víamos na primeira parte, fazendo com que esta chegue realmente a tocar o fundo do ser humano.

Para conseguir isto, é necessário conhecer o problema a fundo. Não basta conhecê-lo superficialmente. Temos de ir até o que há de mais profundo no ser humano. E, como nenhum ser humano é igual ao outro, precisamos tentar atingi-lo individualmente. A educação pessoal e a grupal possuem certos elementos comuns. Urge desenvolver a capacidade crítica, isto é, tornar a pessoa capaz de situar-se no mundo com espírito evangelicamente crítico.

Não se deixar massificar, mas dar respostas originais ao que se deve viver, já que o cristão dá a resposta mais original, que é, a de Jesus Cristo.

Necessita-se disto para que a educação seja o que deve ser, isto é, sobretudo personalizante, e porque Puebla optou pela pessoa como centro.

É preciso converter o educando em **sujeito**, em pessoa. Um dos trabalhos fundamentais da educação — segundo Puebla — consiste em fazer com que o sujeito seja cada vez mais pessoa.

Depois, o Documento passa a enumerar alguns critérios: o primeiro é o de que a educação precisa ser evangelizadora; ela deve anunciar explicitamente Jesus Cristo. Aqui surgiu uma passagem inovadora de Medellín para Puebla. Medellín fala de educação libertadora. Puebla fala de **“Educação Evangelizadora”**.

Quase todo mundo pergunta, quando sabe que alguém foi a Puebla, — além de perguntar, é cla-

ro, se os mexicanos são bons, acolhedores, etc.: — Que novidade Puebla apresenta em relação a Medellín? Progredimos? Estacionamos ou retrocedemos?...

Puebla representou um grande avanço em relação a Medellín, sobretudo ao esclarecer o método para a libertação. Porque Medellín estabelece a libertação como exigência evangelizadora, sem deixar claro, porém, qual o método que deveria ser adotado. Foi por isto que alguns irmãos, logo depois de Medellín, assumiram atitudes bastante cristãs e evangelizadoras através do que constitui a originalidade, a especificidade do cristão: a **comunidade**.

Aí nasceram todas estas exigências, que levaram à formação de comunidades cristãs de base, comunidades educativas, comunidades de jovens, etc. Outros, ou até os mesmos, trabalharam muito na formação de pessoas: Cursos, dias de estudo, formação permanente, formação de animadores de todo tipo, de monitores, etc. Enfim, fez-se um grande esforço para formar agentes de evangelização.

Outros irmãos, porém, viram que era tudo muito difícil e que exigia um processo lento. Por experiência própria, todos nós sabemos o quanto custa formar animadores. Quando uma pessoa pensa em manter vinte animadores, em pouco tempo verifica que dez se “instalam”, se “fossilizam”, cinco transferem sua residência, e acabam restando cinco apenas.

Quanto tempo se empregou para formar todos eles? Quanto custa for-

mar uma comunidade cristã! Quando alguém pensa que as comunidades estão funcionando, de repente um casal se desentende com o outro, ou um marido começa a gostar da esposa de outro, e na comunidade vai tudo por água abaixo.

Um dos membros da comunidade passa a mostrar-se um pouco desanimado: é um processo humano... Alguém diz de si para si: "Isto caminha tão lentamente..." De fato, se ele vai a uma comunidade de dez homens, oito se consideram "aposentados"; um limita-se a perguntar: "Como é possível que esta sociedade seja tão injusta?" No fim, dos dez só resta um. E é assim que vão surgindo problemas tremendos, ou, então, vão deixando de ser solucionados os que já existem.

Acho que foi por estes motivos que alguns irmãos, cheios de boa vontade, disseram: "A coisa assim não pode continuar; a lentidão com que se anda é demasiada! Apressemos um pouco o passo..." E alguns adotaram metodologias que não são cristãs, como, por exemplo, a metodologia da violência e outras. Fazia-se mister, portanto, elucidar o que Medellín propunha a respeito da libertação. E, com isto, foram-se estabelecendo várias teologias da libertação.

Eu, pessoalmente, acho que não existe uma única teologia da libertação, porém várias. Até o Papa, num discurso de 21 de fevereiro, falou da teologia da libertação, usando textualmente estas palavras, porém apontando os critérios que devem ser seguidos por uma teologia da libertação cristã.

Algumas destas teologias apresentam elementos bem cristãos; outras, infelizmente, adotam elementos que não são cristãos. Por isso, a originalidade de Puebla consiste em afirmar que toda libertação cristã deve levar à **comunhão e à participação**. É aí que Puebla é original. O ponto referente aos **critérios** é, pois, muito importante. O anúncio explícito de Cristo deve formar um ambiente apto e favorável ao amadurecimento da Fé. O anúncio explícito de Jesus Cristo é o anúncio de Jesus Cristo total, do Jesus Cristo encarnado.

Recordemos a encíclica "Redemptor hominis" de João Paulo II: Que faremos no ano 2000? E o Papa responde: "Será o ano da renovação, na história, do mistério da encarnação: 'E o Verbo se fez carne e habitou entre nós' (= 'e **começou** a habitar entre nós')". O Cristo de agora e o do ano 2000 é o **Cristo "encarnado"**. Não se pode anunciar um Jesus Cristo explícito que não seja um Cristo total. O Cristo que vive na Igreja e o Cristo que possui um rosto humano.

Por conseguinte, cristologia, ecle-siologia e antropologia precisam ser apresentadas em conjunto. Outro critério consiste em transformar as situações de pecado, por meio de personalidades fortes. Aqui, igualmente, Puebla completa Medellín. Libertação é transformação de situações ou estruturas de pecado, partindo de suas raízes.

Não basta a conversão pessoal. Precisa-se, naturalmente, da mudança do coração. Mas esta mudança deve levar a uma mudança pro-

funda das estruturas do mal que existe. Tudo isto constitui um grande problema. É algo de difícil. Custa. E há quem desanime com isto... Daí a necessidade de formar personalidades fortes por meio da educação. Esta deve formar cristãos que tenham força, a força de Jesus Cristo; **a força da ressurreição.**

Outro critério, dentro da mesma linha, reside em **formar agentes de mudança permanente e orgânica.** Isto é indispensável para conseguirmos a mudança profunda da sociedade. Estes dois objetivos são muito interessantes e permanentes.

Por vocação, os educadores não podem formar agentes de mudança que se limitem a sê-lo por poucos minutos. Devem formar agentes que estejam dispostos a assumir uma missão permanente. Isto equivale a assumir uma missão como a do sacerdote que serve na Igreja para sempre.

Assim também, o educador precisa formar personalidades que aceitem prestar o seu serviço à sociedade, mas de forma permanente.

Tais agentes não podem deixar de estar presentes no mundo, e em determinados aspectos deste mundo, de forma orgânica. Este ponto é fundamental. Que significa a palavra "orgânico" dentro de um planejamento? Significa que não se trata de franco-atiradores: "eu tenho a minha paróquia, o meu grupinho, o meu colégio".

Oxalá exista tudo isto, porém dentro de uma organização pastoral. Uma das conclusões de Puebla, um

dos compromissos que assumimos, foi este: "Trabalhar dentro de um planejamento pastoral".

São seis as coisas que a Igreja latino-americana se compromete a fazer: trabalhar por uma Igreja-comunidade, por uma Igreja servidora, por uma Igreja missionária, participante, que tenha um planejamento pastoral e que forme homens novos como sinal de esperança e de alegria. Estes são os seis pontos que formam um compromisso para o futuro.

O "**Planejamento Pastoral**" não é, como às vezes se poderia pensar, algo de matemático: "Precisamos de planejar, porque os resultados serão melhores e o trabalho mais organizado". **NÃO!** O planejamento **É UMA RESPOSTA CONCRETA** à evangelização.

Não há verdadeira evangelização que não seja orgânica. Do contrário, perde-se tempo no sentido evangélico. De certo modo, é o que diz o Senhor Jesus: "Chegou a minha hora... ou: não chegou a minha hora..." No fundo, ele estava levando a bom termo o planejamento que havia assumido com Deus Pai. Entendida assim, a evangelização é presença; porém, de forma orgânica. Este ponto é sumamente importante na formação dos agentes.

Neste terreno, temos ainda muito que realizar. Lembremo-nos de quantas organizações, de quantos esforços, que acabam morrendo com a pessoa que os fez, pelo fato de não se acharem organicamente planejados. Encerra-se um trabalho ainda que pequeno, e, com ele, perde-se uma quantidade imensa de

energia, impedindo que a evangelização continue a progredir.

Outro critério é: **“com preferência pelos mais pobres”**.

Puebla optou pelo mundo dos pobres. Esta opção é como a dos jovens. Não é uma opção tática. Insistiu-se muito nisto. Não adianta haver muitos pobres e tê-los junto de nós. Como também não adianta que haja tantos jovens que vêm na Igreja um lugar privilegiado de liberdade, de espaço livre, e que podem amenizar a vida da Igreja.

Participei de um grupo que elaborou a parte relativa à opção pelos jovens. Além dos bispos que se achavam presentes, tínhamos conosco o famoso Irmão Roger Schutz. Uma das coisas que mais nos impressionava era exatamente o que diziam os jovens a respeito da Igreja. E Roger Schutz tem muita experiência de trabalho e convívio com a juventude, principalmente por causa do seu Sínodo de Jovens.

O que mais choca hoje em dia os jovens é justamente o fato de serem eles instrumentalizados pela Igreja. A Igreja age com grande boa vontade; não tenciona utilizar os jovens; no fundo, porém, acaba utilizando-os. Em quantas paróquias, os grupos-jovens não passam de grupos que animam o folclore paroquial... Ouvem-se frases como estas: “Mas como? Não é possível! Não vai haver um grupinho que toque na missa? E um que pinte os cartazes?... Como posso deixar de ter um grupinho que faça tudo isto?”...

E tais grupos quase nunca vêm o sacerdote, o religioso ou o educador como amigos, que estejam dispostos a “perder” — segundo eles — uma meia hora ou uma hora inteira para conversar com eles, para atendê-los. O sacerdote, o religioso, o educador são pessoas que têm tanto que fazer... Realmente têm muito que fazer... menos dedicar-se aos jovens e ajudá-los a crescer.

O mesmo pode acontecer com os irmãos pobres. **Preferência** pelos mais pobres significa conversão à pobreza de Jesus Cristo. Significa, igualmente, que a Igreja tome atitudes de serviço imitando as atitudes de Cristo Jesus, o grande servidor, o pobre de Javé.

Por isso, toda educação tem de ser uma conversão aos pobres. Acontece que nem sempre os jovens que estão conosco são pobres. Não obstante, eles têm de ter um coração de pobre e estilo de pobre.

**Outro critério** reside na exigência de que esta missão se exerça com **“Mandato hierárquico”**, o que significa que o educador recebe da Igreja um mandato especial. O educador cristão recebe da Igreja este **Ministério**.

Vive seu batismo no campo da educação. Isto importa num convite dirigido ao educador. Conseqüentemente, torna-se necessário evangelizar os educadores para esta missão: para que descubram o seu batismo, e, ao descobri-lo, se capacitem e se conscientizem de sua responsabilidade para servir à educação.

**Outro critério:** trabalhar junto à família, considerada o primeiro elemento responsável no processo da educação. Se o ideal da educação reside na formação de um clima onde a fé amadureça, que supere o mero "ensino religioso", ele não pode reduzir-se ou limitar-se exclusivamente ao aluno, mas precisa atingir sua família.

Puebla declarou que a família é um **"lugar privilegiado"** da Evangelização, e a escola, de certo modo, deve prolongar este clima. Há muitos pais que colocam seus filhos em colégios católicos, principalmente em certas regiões do Chile, por uma questão de prestígio. Mesmo nestes casos, deve-se trabalhar no sentido de evangelizá-los, usando para isto uma "pastoral especializada"... , a dos não-crentes, a dos "não-sacramentalizáveis", etc.

Os jovens precisam ser formados para viver numa futura socie-

dade pluralista. O jovem que temos diante de nós para formar é **UM** jovem novo que se destina a um mundo novo.

Lembremo-nos do que diz Puebla: "Homens Novos" com as seguintes características: **pluralista**, "aberto ao diálogo", capaz de construir com os outros. Ao falar de pluralismo, várias vezes se fez menção da encíclica de Paulo VI "Ecclesiam Suam", que é a **carta magna** dos últimos tempos sobre o pluralismo.

Seria necessário lermos esta encíclica, tão interessante a propósito, já que, infelizmente, ainda existem tendências não ao pluralismo, mas ao absolutismo. Só é bom o que eu penso, e o que o outro pensa está totalmente errado ou quase isto. Se não formarmos o jovem para o pluralismo, vamos repetir os esquemas absolutistas, os esquemas rígidos que não são característicos de uma sociedade do futuro.

### **3. FINALMENTE O DOCUMENTO APRESENTA AS SUGESTÕES PASTORAIS**

Urgia hierarquizar um pouco tais sugestões. Assim sendo, apontarei apenas algumas.

**1. Trabalhar para responsabilizar a família**, ou seja, para que ela se sinta responsável pela sua tarefa. Para que se sinta realmente integrada em todo o processo educativo, e que não se sinta apenas "utilizada" quando dela se necessita para algum trabalho... Os pais, e a família em geral, devem estar presentes como protagonistas ao lado

de seus filhos na formação da "comunidade educativa".

**2. Favorecer a democratização do ensino:** tornar a educação realmente gratuita, para dar acesso aos "pobres", opção pastoral prioritária, ou ministrá-la mediante contribuições estabelecidas de acordo com a renda familiar. O sistema de "bolsas" não se insere nesta linha, já que é sempre uma espécie de esmola.

**3. Todo o ambiente deve ser pastoral:** o departamento de pastoral deveria "conduzir" toda a tarefa educativa.

**4. Indispensável a presença especial do "leigo como ministro do serviço educacional":** sem leigos, com este modo de presença, a educação fica mutilada. A maioria dos jovens vão ser leigos ao longo de sua vida. Deverão ser fermento cristão em seu mundo, mas para isto devem viver desde a juventude esta experiência. Assimila-se melhor o que se vê, do que o que se aprende teoricamente.

**5. Um serviço especial ao pobre:** deve haver uma verdadeira especialização na educação popular.

**6. Para formar agentes de mudança:** das escolas e colégios da Igreja devem sair os verdadeiros agentes da mudança da sociedade. Para consegui-lo, a educação deve ser crítica em face da realidade. Uma educação permissiva ou acrítica, ou ainda receosa do sadio confronto, não forma pessoas capazes de promover mudanças, mas antes "conformistas" e "instalados".

**7. Com imaginação criativa:** para ser agente válido de mudança é necessário superar as meras estruturas. Deve-se criar cada dia algo de novo que corresponda ao que o mundo pede como serviço real para que ele possa tornar-se uma "cidade nova".

**8. Em diálogo com a autoridade civil para que esta assuma seu papel específico:** a melhor maneira consiste em criar uma alternativa educacional valiosa, formadora do "homem novo", concretamente e a partir de seu alicerce. A autoridade, ao vê-la, dar-se-á conta de seu significado para cada tipo de educação verdadeira.

**9. Inserção na pastoral de conjunto:** precisamos descobrir, momento por momento e continuamente, o significado da escola na pastoral de conjunto. Ainda existem sérias dificuldades, quer por parte dos pastores que não vêm com clareza o significado da escola na pastoral de conjunto, quer do lado dos educadores que adotam estilos pastorais fora do que a Igreja propõe. Um diálogo aberto e constante, a presença do bispo na educação aplainarão tais dificuldades.

**10. Elaborar um projeto educativo cristão:** tanto elaborando o perfil do jovem que se quer formar, quanto delineando as características da sociedade em que se quer viver. Esta sugestão pastoral dá para um novo tema. Esperamos abordá-lo posteriormente. Tudo o que acabamos de expor é apenas uma parte do que Puebla diz sobre a Educação. Oxalá sirva este trabalho aos meus irmãos educadores, ajudando-os a apreciar e valorizar cada vez mais sua missão na Igreja.

*Traduziu da revista "Testimonio"  
a Irmã Isabel Fontes Ferreira.*

# QUE É ISSO, A TEOLOGIA?

*Importa que o teólogo tenha uma segura orientação em sociologia, politologia, economia, antropologia, psicologia. Não se há de pedir que seja um especialista nestes campos. Somente assim se evitam soluções teológico-pastorais de respiração curta e equivocadas.*

**Frei Leonardo Boff, OFM**  
Petrópolis, RJ

Ultimamente quase todos os jornais deram ampla cobertura a alguns teólogos, entre os quais se encontra o presente articulista, todos eles envolvidos em questões com a Sagrada Congregação da Doutrina da Fé. O fato provocou amplo debate, pondo em manifesto as diversas tendências ideológicas dentro da Igreja e dos grupos sociais sensíveis a temas religiosos. De repente, neste País, a teologia se tornou assunto das rodas e dos cafés. Talvez seja a primeira vez que nesta geração a teologia chegou às ruas; é o testemunho de gente do povo, das comunidades eclesiais de base, de leigos de todo nível de cultura, de sacerdotes, religiosos e bispos, que colhi das centenas de cartas que tenho recebido.

Importa agora, sem intento apologético nem demasiada polêmica, refletir sobre o que significa fazer

teologia no quadro das exigências teóricas e práticas de hoje, qual é a gramática do discurso teológico, com que pressupostos trabalha o teólogo, qual o alcance e o limite de validade de suas perquirições, como a teologia se articula com as ciências do homem e do social e em que sentido se pode falar de uma teologia latino-americana, nomeadamente daquela interessada na libertação sócio-econômica dos oprimidos. Oxalá estas reflexões tragam alguma luz ao transfundo das questões para além do inevitável componente emocional.

Vamos à primeira questão, pois as demais serão abordadas posteriormente: que é isso, a teologia? Para se entender a teologia cumpre entender algo prévio a ela. Isso porque a teologia não é uma realidade primeira. Ela é resultado do esforço de tradução e objetividade

deste “algo prévio”. Que é este “algo prévio”? A ele acedemos de duas maneiras: pelo caminho racional e pelo caminho religioso. O primeiro caminho de acesso consiste na radicalização do perguntar humano; o ser humano é habitado por um demônio indômito: pergunta tudo, sobre tudo e pergunta a própria pergunta. No termo deste processo pode-se desembocar numa derradeira resposta: subjaz à totalidade da realidade, pervadindo-a e sustentando-a, um supremo Ser e um sumo Bem, que também chamamos Deus. Este tipo de reflexão Aristóteles denomina de ciência primeira ou de teologia (**theologiké episteme**), o que mais tarde um discípulo do Estagirita chamou de metafísica. Portanto, a questão do ser, levada até o seu termo, desemboca na questão do sumo Ser. O resultado deste esforço oneroso — e não são poucos os que se perdem pelo caminho — comumente se chama teologia natural.

O outro acesso se faz pela via religiosa. Irrompe na vida do homem o Divino. Trata-se de um choque existencial e totalizante, uma experiência originária testemunhada por todas as culturas; é totalmente inadequado rebaixá-la a uma patologia no nível da infra-estrutura (Marx) ou do âmbito do inconsciente (Freud) ou de uma equivocada antropologia (Feuerbach). A resposta do homem face à irrupção do Divino em sua vida é constituída pela fé. Pela fé se interpreta toda a realidade à luz de Deus. Há muitas formas de fé. O Cristianismo, em

sua determinação positiva, afirma que Deus não é um abismo sinistro mas é um mistério de Amor que se concretiza como Pai, Filho e Espírito Santo, mistério que se encarnou em nossa miséria e se chama Jesus Cristo, Filho eterno do Pai e irmão de toda humana criatura. Depois de crucificado, vive agora ressuscitado, enchendo todo o cosmos com sua energia transformadora e se densifica na comunidade que é portadora desta consciência (a Igreja), que celebra, proclama e tenta seguir sua vida e mensagem. Nele os cristãos testemunham ter encontrado um sentido supremo que lhes confere sentido à vida e à morte. Tudo isto é fé e não teologia. É um grito que proclama e se vertebra em distintos discursos religiosos, mas não ainda teologia.

A teologia supõe tudo isto como prévio. Sem isso não pode haver teologia. Por isso dizia Santo Tomás na Suma contra os Gentios: “Sem a admissão prévia da existência de Deus, toda a dissertação sobre as coisas divinas é inútil” (1.1, c.9). Os testemunhos da irrupção de Deus em nossa história para nós cristãos estão contidos nas Escrituras canônicas sempre lidas e relidas (Tradição). A teologia começa quando sobre esta matéria-prima se aplica toda a potência da razão que procura entender o mais possível. A teologia é a diligência de criar um discurso educado da fé, vale dizer, que se expresse dentro de uma gramática rigorosa com sua sintaxe e semântica próprias.

Santo Anselmo (morto em 1109) definiu classicamente a teologia como "a fé que procura compreender"; nós diríamos simplesmente: é a fé pensante e pensada, crítica e sistemática. Resumamos o pensamento:

1. Por detrás de cada teologia verdadeira existe uma mística, i. é., um encontro vivo com Deus. Sem esta experiência (fé), a teologia não passa de tagarelice inócua.

2. A teologia possui por objeto a Deus (é o sentido etimológico de teo-logia = discurso sobre Deus), seja enquanto é buscado pela razão em sua procura de uma última racionalidade e sentido (teologia natural), seja enquanto Ele mesmo se revela aos homens e se encarna em Jesus Cristo e é acolhido pela fé (teologia propriamente dita).

3. O objeto da teologia não é somente o Deus revelado, mas também todas as coisas enquanto contempladas à luz de Deus. É o que já ensinava Santo Tomás na Suma teológica (p.1,q.1,a.7). Isto comporta que pertence à tarefa da teologia falar também de política, de economia, de educação e do que quer que seja, conquanto fale não politicamente ou economicamente, mas teologicamente sobre estas instâncias, vale dizer, à luz de Deus. É a partir desta consciência que as Igrejas ultimamente mais e mais se têm pronunciado em questões ditas seculares, que para a teologia não o são, porque também elas têm a

ver com Deus, com sua graça, com sua fidelidade e com seu Reino.

4. Nascida da fé, a teologia deve regressar à fé, alimentá-la e não liquidá-la, torná-la mais lúcida e não mais confusa. Trata-se sim de uma ciência especulativa; para ser teólogo não basta ser piedoso e bom; há que ser inteligente, produzir luz e conhecimentos. Entretanto, a especulação é apenas um momento da teologia; em última instância quer ser uma ciência prática. Ela deve terminar numa práxis de amor e de fidelidade. Crer em um só Deus, também o crêem os demônios, nos assevera São Tiago (2,19) e certamente possuem uma teologia mais lúcida que a do maior teólogo. Entretanto, não possuem o amor e por isso, "nada são" (1 Cor 15,2). Ver para fazer; conhecer para amar: eis a função última da teologia. O critério da verdadeira teologia, daquela que efetivamente importa, é extra-teológico: ela deve poder alimentar a fé, a esperança e o amor. Se não produzir este fruto, pode ser erudita e útil às cortes dos poderes sagrados e profanos. Mas faz-se indigna de seu próprio nome: ser o discurso acerca de Deus para tornar ainda melhor homem, porquanto o homem é somente radicalmente homem — isso já Homero o sabia — na esfera do Divino.

Os Santos Padres (os teólogos dos primeiros séculos do cristianismo), que tinham belas fórmulas para todos os grandes problemas do pensamento, diziam: *theologia ante et retro oculata*: a teologia tem dois olhos, um à frente e outro para

trás: Com o olho de trás se fixa “naquele tempo” em que irrompeu a revelação de Deus, especialmente em sua forma corporal em Jesus Cristo, olha para o passado, para as grandes decisões doutrinárias tomadas nos concílios ecumênicos, para as expressões da fé em todos os tempos, para os ensinamentos do magistério e da tradição do povo e dos teólogos. Pertence à tarefa inalienável da teologia apropriar-se do passado, saber interpretá-lo corretamente e ser fiel aos testemunhos maiores da fé cristã. Como entre nós, hoje, e “aquele tempo” medeiam quase 2 mil anos, tempo suficiente para modificar ou enriquecer o sentido das palavras e com o surgimento de novos problemas com seus desafios impostergáveis, faz-se mister o recurso das ciências hermenêuticas (dedicadas à interpretação dos textos e seus contextos históricos). Por isso o teólogo precisa conhecer as línguas bíblicas (hebraico e grego) e o latim, a língua da tradição teológica, filologia, história, exegese, filosofia, enfim, tudo aquilo que o ajuda a abeberar-se do passado cristão.

Ao mesmo tempo a teologia possui um olho voltado para o presente: faz-se sensível aos problemas relevantes para o homem atual, tenta articular fé com vida, amor cristão com libertação concreta dos oprimidos, esperança cristã com esperanças políticas. Entretanto, a realidade sócio-histórica não é simples; entre o olho do analista e a realidade se interpõem obstáculos que impedem o conhecimento dos

mecanismos de funcionamento da sociedade: as ideologias (discurso que mascara os interesses), os preconceitos, as idéias comumente aceitas, geralmente, veiculadas no interesse das classes dominantes. A fé tem de ser vivida dentro de tal realidade complexa. Para impedir a manipulação do Evangelho e garantir, pelo menos, às condições de eficácia da fé, a teologia precisa se auxiliar das ciências do homem e do social. Elas ajudam a decodificar a realidade e propiciam um acesso mais crítico e objetivo dos problemas. Por isso importa que o teólogo tenha uma segura orientação em sociologia, politologia, economia, antropologia, psicologia; evidentemente não se há de pedir que seja um especialista nestes campos, mas que supere uma visão empiricista, moralizante, ingênua e utópica e chegue a uma perspectiva crítica. Somente assim se evitam soluções teológico-pastorais de respiração curta e equivocadas.

Não se diga que o teólogo assim politiza a teologia ou sociologiza a fé. Quem assim incrimina, e hoje não são poucos, mostra conhecer pouco a própria tradição. No próprio elemento da teologia encontramos as razões para o necessário conhecimento das ciências. Santo Tomás diz com acerto: “Conhecer a natureza das coisas ajuda a destruir os erros acerca de Deus. . . É falsa a opinião daqueles que diziam não importar nada à verdade da fé a idéia que alguém tem sobre as criaturas, contanto que se pense corretamente acerca de Deus. . . pois

um erro sobre as criaturas redun-  
da numa idéia falsa de Deus” (Su-  
ma contra os Gentios, 1.2,c.3). Co-  
mo se depreende, a tarefa teológi-  
ca é ingente, diria, quase imprati-  
cável! Não existe uma teologia fá-  
cil. Lacordaire o reconhecia: “O  
doutor católico é um homem qua-  
se impossível: pois ele tem de co-  
nhecer de um lado todo o depósito  
da fé, as Escrituras, os atos do pa-  
pado, e de outro, o que S. Paulo  
chama “os elementos deste mundo”,  
isto é, tudo e tudo”.

Evidentemente o cumprimento  
destas exigências não o realiza cada  
teólogo individual, mas a comuni-  
dade teológica como um todo no  
decorso de uma geração. Irrenunciá-  
vel é que cada teólogo procure de  
forma adequada articular sempre  
os dois olhos da fé: conhecer o pas-  
sado e o presente, atualizar o an-  
tigo face às exigências do novo, ser  
fiel à revelação e ao mesmo tem-  
po fiel à história atual. Há de se  
ver a realidade com os dois olhos;  
caso contrário teremos uma teolo-  
gia vesga num duplo sentido: vesga  
quando somente recita a lição do  
passado, pensa os temas fundamen-  
tais sem ver os atuais e confunde a  
Deus com fidelidade a um momen-  
to (embora privilegiado) da reve-  
lação de Deus; vesga num segundo  
sentido, quando apenas toma em  
conta os temas atuais sem conside-  
ração da identidade cristã (modis-  
mos teológicos), se compromete com  
a libertação dos oprimidos, (o que  
é sempre digno) sem valorizar a  
inspiração evangélica ou a pers-  
pectiva integral.

Que olho privilegiar, aquele vol-  
tado ao passado ou o do presente?  
Já os Santos Padres falavam de dois  
modos legítimos de se fazer teolo-  
gia: uma *theologia pro paganis* e ou-  
tra *theologia pro christianis*; tradu-  
zindo: uma teologia para os pagãos  
e outra teologia para os cristãos.  
A questão é muito atual. Há teó-  
logos que partem das interrogações,  
esperanças e angústias do homem  
de seu tempo. A partir da História,  
interrogam as Escrituras e o pas-  
sado e haurem daí toda a luz pos-  
sível para o presente. Há um pre-  
domínio do presente sobre o pas-  
sado, pois se privilegiam “os pa-  
gãos” e se procura subministrar-lhes  
um sentido transcendente.

E a teologia feita para os pagãos,  
Hans Kung, Schillebeeckx e eu pes-  
soalmente temos andado principal-  
mente (não exclusivamente) por esta  
senda, animados pelo espírito do  
Vaticano II na *Gaudium et Spes*.  
Há outros que partem da riqueza  
do depósito da fé, da exuberância  
da tradição cristã e mediante uma  
linguagem adequada querem pro-  
por a verdade cristã ao homem  
atual. O acento recai no estudo do  
passado e na acentuação da identi-  
dade cristã. É a teologia *pro chris-  
tianis*. A primeira (*pro paganis*) não  
pressupõe a fé nos ouvintes, mas a  
busca de sentido; a segunda pres-  
supõe já presente a fé cristã que  
deve ser aprofundada; a primeira  
relativiza os limites Igreja/mundo,  
a segunda acentua a diferença Igre-  
ja/mundo.

Muitas das tensões atuais dentro da Igreja provêm destas duas opções teológicas. Os que fazem uma teologia para os "pagãos" modernos (entre os quais há muitíssimos cristãos) tendem a considerar a outra corrente pouco encarnada, doutrinária e excessivamente preocupada pela ortodoxia. Contrariamente os que de preferência praticam uma teologia para os cristãos correm o risco de acusar, nos outros, renúncia do específico cristão, modismos passageiros e inflação de vontade transformadora deste mundo.

O que descrevemos são tipos ideais; na realidade, cada teólogo realiza a seu modo os dois momentos; ninguém é tão tradicionalista que não tenha que assumir ou conviver com o ritual de uma sociedade moderna, como ninguém é tão progressista que não tenha que aceitar sua própria história, que vem de um passado e só por isso existe no presente. Sábio foi o Senhor que, resumindo a verdadeira tarefa do pensar cristão, nos disse: "Todo teólogo, instruído na doutrina do Reino de Deus, deve ser como o dono de casa que de seu tesouro tira o novo e o velho" (Mt 13, 52).

# COMUNICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

20 anos de educação no Colégio São Vicente de Paulo,  
dos Lazaristas

**Pe. José Pires de Almeida, CM**  
Rio de Janeiro, RJ

A modo de “uma longuíssima-metragem”, faremos desfilar sob os olhares da lembrança — quiçá da saudade — as grandes etapas, os grandes momentos deste processo histórico desencadeado em 1959 e que, por entre pioneirismos e indefinições, entre avanços e recuos, ousadias e lacunas, vem crescendo em busca de seu amadurecimento.

Três momentos parecem-me dignos de nota:

a) **1959-1965.** Berço e primeiros passos. Diretor, o próprio fundador da casa, Pe. Joaquim da Silveira Horta, cujos talentos administrativos, por tantos títulos conhecidos, evidenciaram-se sobremodo no cargo que então exercia de Ecônomo Provincial, ou seja, Administrador Geral da Província Brasileira da Congregação da Missão. Ele conseguiu o “milagre” (bem brasileiro) de fazer vir à luz o Colégio S. Vicente, sem que a

Província tivesse as mínimas condições — momento histórico privilegiado, o do início da construção: era o instante de Brasília com toda a euforia e esperança, com tanta inquietação e críticas demolidoras, com as promessas dos “50 anos em cinco” e das iniciativas mais que ousadas. Tudo que então “macro-vivia” o Brasil, microvivia-se no Colégio S. Vicente cujo nascimento e estrutura material são frutos daquele momento e da grande estima que o saudoso Presidente Juscelino dedicava ao Pe. Horta.

## **Pioneirismo e indefinições**

Bebê gigante, embora prematuro sob vários aspectos, o Colégio S. Vicente contou inicialmente com 350 alunos do antigo Primário, mais alfabetização e “admissão”. — Os atrasos da construção, iniciada em agosto de 57, ocasionaram desconforto e improvisações nos pri-

meiros meses. A parte pedagógica sofreu o impacto da heterogeneidade da população inicial; a disciplina — como condição mínima de trabalho — parecia tão distante que o desânimo apareceu logo, entre as jovens mestras, algumas ainda não testadas pela experiência. Ao Pe. Almeida, coube a missão de domar as “ferinhas”, oportunamente ajudado pelos Padres Armando Nogueira e Francisco Guerra respectivamente tesoureiro e secretário.

À partir do 2º ano (1960), a presença do Pe. Migdon Gonçalves — modelo de criatividade e capacidade de realização — passou a canalizar as forças para o esporte e o laboratório de eletrônica.

### **Início de reflexão**

Em fins de 61, regressava da França o Pe. Hugo de Vasconcelos Paiva, formado em Pastoral Catequética, e era encarregado do setor formação religiosa.

Em 63, com a presença do Pe. Dario Nunes, que desde o ano anterior fazia parte da equipe de Direção, iniciou-se a prática da reflexão permanente, tomando por base o precioso “Plano de Pastoral de Emergência”, recém lançado pela CNBB. — Era o primeiro passo para se avançar com solidez rumo a uma definição de metas educacionais, em substituição ao empirismo do dia-a-dia. Àquele tempo, a presença do “Grêmio de alunos” já norteava as atividades extraclasse, desportivas ou culturais do curso ginásial cuja primeira “festa de formatura” ocorreria ao final do mesmo ano (1963).

### **Ousadias e lacunas**

Fruto de tal impulso foi, sem dúvida, a intercomunicação de Escolas Religiosas, até então fechadas uma às outras. Animados pelo Pe. Dario, construíram-se grupos de intercâmbio (4 ou 5 colégios masculinos e outros tantos femininos), cujas promoções, quer as excursões, quer sobretudo as “semanas de amizade” enriqueceram, sobremaneira nossa vivência, despertando lideranças, exercitando o diálogo, amadurecendo o comportamento, forçando o inter-relacionamento dos Diretores das Escolas em questão e fazendo mesmo surgir um ou outro encontro interescolar de pais de alunos. Assim como alguns Diretores, os Pais — calcula-se bem! — aceitavam mal os “riscos” dos Grupos mistos. Aí se verificou que a grande lacuna era a ausência de diálogo entre os responsáveis. — Esta lacuna se fazia sentir no interior da própria comunidade da Direção do S. Vicente, gerando clima de muita insatisfação e intranquilidade por ocasião da mudança de Diretor, em fins de 64.

b) **1965-1968** — O Pe. Marçal Versiani dos Anjos assumiu a Direção em hora pouco tranqüila. O Colégio estacionara.

O 2º Grau (2º ciclo de então) já existia sem chamar a atenção. Falavam-lhe caracterização, colorido próprio. — A preparação para os exames vestibulares ou “concursos de habilitação” estava a exigir medidas decididas e onerosas. O passo foi dado e o futuro diria com que acerto. — É importante creditar isso à decisão do Diretor Marçal.

A reflexão interna foi intensificada, nem sempre se conseguindo chegar a um consenso, quando se tratava de partir para a ação. Hoje se verifica que mesmo os choques terão sido benéficos, apesar das feridas que então foram abertas. Mais uma vez, por entre avanços e recuos, a comunidade educacional amadurecia para a explicitação de sua Filosofia Educacional.

c) **1968-1979** — Convocado pelo Superior Geral para trabalhos de cúpula, o Pe. Marçal foi para Roma, em julho de 67, ficando o Pe. Almeida como Diretor. O final de 67 foi empregado em diagnosticar as causas do raquitismo da escola e os meios para combatê-lo.

— Como, no início de 67, a primeira turma de nossos vestibulandos fora bem sucedida (80% de aprovação direta), o “colegial” achava seu caminho. Era só prosseguir.

— Quanto aos cursos inferiores, tinham de ser redimensionados.

a) O sistema exclusivo de semi-internato era contestado e se tornara obstáculo a muitos candidatos.

b) O regime misto parecia ser exigência da época, pelo menos por parte das famílias que, já tendo aqui os filhos, gostariam de matricular também as meninas.

c) A reintrodução das classes de alfabetização era outra exigência dos fatos.

d) O “congelamento” das anuidades parecia conveniente como apelo, já que o Colégio pensava na democratização.

e) O “ginásio” carecia de Orientador pedagógico (já existente no Primário e no Colegial)...

Em todas estas linhas foram tomadas medidas, quase todas acertadas. Somadas ao êxito dos vestibulares, foram suficientes para iniciar o crescimento quantitativo. — Outros fatores, sem dúvida, se acrescentaram posteriormente e a soma de todos explica os seguintes dados comparativos:

1967 — 550 alunos, repartidos em 17 turmas (média: 32,35 por turma);

1979 — 1.700 alunos, repartidos em 43 turmas (média: 39,55 por turma).

— Mencione-se ainda o curso Supletivo para adultos, que, desde 1973, recebe 400 alunos para alfabetização e 1º grau.

Em consonância, adquiriu-se mais espaço (terreno anexo); sucessivas adaptações internas foram realizadas na estrutura do prédio; requisitou-se parte do andar térreo da residência da Casa Central da Província e, enquanto se sonha com mais espaço construído, opera-se no momento o alargamento do terreno anexo, mediante desmonte e muro de contenção. Em todas as realizações, a presença eficaz da Associação de Pais e Mestres tem sido uma preciosa constante.

Pode-se afirmar que esta última fase dos 20 anos do Colégio foi de esperança. O momento político era dos mais difíceis sob ameaças dos Atos Institucionais e dos Decretos-leis. Administrativamente, o tabelamento das anuidades, a partir de

1969, impôs algumas restrições. Filosoficamente, foi um tempo de grandes impulsos internos. — Acabara de realizar-se em Medellín a 2ª Reunião Geral do Episcopado Latino-Americano. E, desta feita, a Educação fora contemplada com um documento revolucionário chamado de “Educação Libertadora”, cujas bases são: respeito à pessoa, diálogo, criatividade, formação do espírito crítico; numa palavra, nova visão do **relacionamento educando-educador**. O S. Vicente ousou levantar esta bandeira e acreditar que o Espírito Santo falara através dos Bispos.

Passados mais de dez anos, não podemos afirmar que a Escola se converteu. Mas temos consciência do quanto nos veio de positivo e do que se deixou de lucrar.

### **Como uma parada para revisão**

Ao se comemorarem os dez anos da publicação dos documentos de Medellín, perguntamo-nos sobre quantas comunidades educacionais da Igreja tiveram coragem de assumir as normas aí propostas.

— Quantos terão levado até às últimas conseqüências o respeito ao educando, de modo a proporcionar-lhe ser “sujeito de seu próprio desenvolvimento”?

— Quantos terão favorecido o diálogo e a formação do espírito crítico?

— Quantos terão favorecido a criatividade em todas as suas dimensões?

— Quantos, enfim, terão criado um clima de liberdade aliado à responsabilidade que por si só, define uma filosofia de vida? Sabemos que a proposta de Medellín não era totalmente original, mas certamente representava a convergência de teorias e experiências existentes em diversos países sob a liderança de nomes hoje bem conhecidos e admirados. “Batizadas” em Medellín, passaram a ser nosso novo catecismo pedagógico.

Entre os que tentaram, muitos ou poucos, o S. Vicente esteve à frente. Assistemáticamente, mas explicitamente, a proposta foi criando vulto e passando à prática, jamais chegou a influir globalmente nas atividades, mas chegou a marcar em profundidade vários aspectos. — Entre outros, destaque-se o clima de diálogo, espontaneidade, criatividade e participação que, em várias ocasiões, já têm merecido comentários.

Estamos certos de que assim o creê hoje uma boa parcela dos candidatos que intencionalmente procuravam o S. Vicente. Com a visão global do tempo percorrido, vemos também as falhas com alguma clareza. Terá sido, sem dúvida, imperfeita a comunicação ou **anúncio** do conteúdo, resultando em equívocos, sobretudo por causa do rótulo “libertadora”.

Não se chegou a **sistematizar** a reflexão, não se fez periodicamente avaliação explícita. Não se exigiu de modo uniforme a participação de todas as forças da Comunidade. Praticamente se investiu de modo contínuo apenas nos “coordenado-

res" que, de alguma forma, tinham no Conselho Pedagógico semanal uma reciclagem filosófica permanente, posto que implícita. Os funcionários — entre estes os inspetores de alunos — ficaram muito fora desta formação.

A ausência de planejamento integrado ocasionou conflitos entre as várias atividades, por exemplo a tensão entre a sala de aula e o "extraclasse". O sistema descentralizado nem sempre facilita a informação, gerando também mal-estar. Sempre se clamou pela melhoria das informações. Igualmente, tal sistema favorece a coexistência de áreas de atrito, ou seja, de mentalidades muito diversas.

A possibilidade de uma participação total nas decisões de Colegialidade nem sempre é aceita pelos principais responsáveis da obra, que, no fundo, continua fundamentalmente centralizada nas decisões da Congregação, tendo os representantes da Comunidade Escolar apenas função de assessoria, o que não satisfaz aos mesmos.

Fugiu-se sempre de encarar de frente as questões dos limites da liberdade e da cobrança da "responsabilidade". Merecem destaque os tempos fortes do processo:

Por ocasião dos 15 anos do Colégio, preparou-se uma excelente reunião geral baseada no tema Educação Libertadora; então foi lançada uma bem cuidada apostila.

Em 1976 e 77, foram feitos vários cursos rápidos, destinados a reaquecer e orientar melhor nossa vivência: os animadores foram os

membros da Comunidade "Shalon" de Fortaleza, CE. A vivência do S. Vicente foi em várias circunstâncias **interpeladora** para outros Colégios. E, por meio do S. Vicente, muitos incentivaram a própria reflexão.

### **Como um convite à definição**

A primeira lei de toda atividade humana e, sobretudo, de toda atividade pastoral da Igreja deve ser o respeito à realidade. Acreditamos que, em linhas gerais, o S. Vicente, no passado, tenha sido coerente com tal adaptação.

Em Puebla, México, a 3ª Conferência dos Bispos Latino-Americanos reestudou o capítulo da Educação Libertadora dentro do novo **Contexto de Evangelização Hoje e Amanhã**, que resulta da própria situação da América Latina... Ali, a Educação é redefinida como evangelizadora, tomando-se o verbo evangelizar no sentido de **"liberar para a comunhão e a participação"**.

A Educação não apenas deve libertar, mas libertar para a comunhão e a participação. Igualmente a realidade política do país está a exigir nova tomada de posição. Até que ponto uma proposta que serviu bem para os anos 68, 69, será ajustada aos nossos tempos, às atuais aspirações dos jovens? Qual o sentido da **Catequese** nas nossas turmas, tão heterogêneas em mentalidade e convicções? Como explicitar o Evangelho à base da Educação Evangelizadora?

Qual o sentido de se colocar o S. Vicente como projeto-piloto, fazendo um plano de vida independente dos Estabelecimentos similares, aprofundando a concorrência ou a velada hostilidade entre Colégios? Qual a necessidade, nesta nova etapa, de assegurar uma participação mais real e organizadora dos pais de alunos, ou pelo menos, de os informar sistematicamente sobre as conseqüências previsíveis?

## **Conclusão**

Qual deve ser a parcela de responsabilidade dos pais e mestres no tocante à vida do colégio? Terá sentido a Associação de Pais e Mestres, se não mergulhar na vida do colégio e se não fizer uma reflexão sobre esta própria vivência?

(Transcrito de A. CHAMA, Revista da APM do Colégio São Vicente de Paulo — Rio de Janeiro, outubro de 1979, nº 26, p. 5-7).

---

# PUEBLA FALA DA VIDA RELIGIOSA (VI)

- 748 Sua obediência consagrada, vivida com abnegação e fortaleza “como sacrifício de si mesmos” (PC 14), será expressão de comunhão com a vontade salvífica de Deus e denúncia a todo projeto histórico que, apartando-se do plano divino, não faça crescer o homem em sua dignidade de filho de Deus.
- 749 Neste mundo onde o amor está sendo esvaziado de sua plenitude, onde a desunião amplia distâncias por toda a parte e o prazer é erigido como ídolo, os que pertencem a Deus em Cristo pela castidade consagrada serão um testemunho da aliança libertadora de Deus com o homem e, no seio da própria Igreja particular, uma presença do amor com que “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” (Ef 5,25). Finalmente, serão para todos um sinal luminoso da libertação escatológica, vivida na entrega a Deus e numa solidariedade nova e universal com os homens.
- 750 Desta sorte, “esse testemunho silencioso de pobreza e desprendimento, de pureza e transparência, de abandono na obediência, pode ser, ao mesmo tempo que uma interpelação ao mundo e à própria Igreja, uma pregação eloqüente, capaz de tocar até mesmo os não-cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores” (EN 69).
- 751 Numa vida de contínua oração, são chamados a mostrar a seus irmãos o valor supremo e a eficácia apostólica da união com o Pai (cf. João Paulo II, **Discurso aos Superiores Maiores**, 24-11-78).
- 752 A comunhão fraterna vivida em todas as suas exigências, a que são convocados os consagrados, é o sinal do amor transformador que o Espírito infunde em seus corações, mais forte que os laços da carne e do sangue.
- 753 Pessoas diversas, por vezes de diferentes nacionalidades, participam da mesma vida e missão, em íntima fraternidade. Com isto, esforçam-se por dar eloqüente testemunho da vida de Deus Trino em sua Igreja, da mesma comunhão eclesial e atuam como fermento de comunhão entre os homens e de co-participação nos bens de Deus.
- 754 Se todos os batizados foram chamados a participar na missão de Cristo, a abrir-se para seus irmãos e a trabalhar em prol da unidade, dentro e fora da comunidade eclesial, muito mais ainda os que Deus para si consagrou. Estes são convidados a viver o mandamento novo, numa doação gratuita a todos os homens “com um amor que não é partidário, que a ninguém exclui, embora se dirija com preferência ao mais pobre” (João Paulo II, **Alocução Sacerdotes**, AAS, LXXI, p. 181).

**Observação:** O texto oficial do Documento de Puebla “A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina”, tem 1310 números. Destes, 55 estão reservados à Vida Consagrada. Começa no número 721 e termina em 775. CONVERGÊNCIA está transcrevendo estes números, *ipsis litteris*, desde o mês de novembro de 1979. Será preciso ler e reler para surpreender os sentidos subjacentes destas linhas.

---